



Escola de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Psicologia Social e das Organizações

O papel mediador do Compromisso na relação entre os Estilos de
Pensamento e as Atitudes e Intenções face à Infidelidade

José Pedro Taborda de Sousa Pires

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientador:

Professor Doutor Diniz Marques Francisco Lopes, Professor Auxiliar
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Coorientador:

Professor Doutor David Rodrigues, Professor Auxiliar
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2017



Escola de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Psicologia Social e das Organizações

O papel mediador do Compromisso na relação entre os Estilos de
Pensamento e as Atitudes e Intenções face à Infidelidade

José Pedro Taborda de Sousa Pires

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientador:

Professor Doutor Diniz Marques Francisco Lopes, Professor Auxiliar
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Coorientador:

Professor Doutor David Rodrigues, Professor Auxiliar
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2017

Agradecimentos

Este foi um dos processos mais exigentes e representativos pelos quais passei, pelo carácter introspectivo que lhe inseri e pelas ilações que retive.

Ao Professor Diniz, pela sua dedicação e disponibilidade. Por ter aceite as minhas ideologias e crenças. Pelo seu incentivo, sem o qual não poderia ultrapassar este momento.

Ao Professor David, pelo grau de empenho e exigência para a investigação. Sem a sua incidência e detalhe não teria chegado aqui.

Com a vossa rede os desafios enfrentam-se com os olhos no horizonte e sem olhar o arame. A vossa energia envolve todo o ser que sou. A vossa força tranquiliza-me. A nossa família define-me.

Aqueles com quem quero falar, sorrir, rir, cantar, beber, comer, cantar, sofrer, viver.

A ti. Minha pequena. És o meu processo mais complexo, onde me posso perder sem representações. Descubro-me em ti. Só a tua essência me faz superar. Obrigado por seres tão tu, obrigado por me teres, sem ti nada existia.

Resumo

Dado o papel que a Infidelidade assume no contexto das relações românticas, tem vindo a ser um tema de grande relevo na investigação. Neste estudo começamos por descrever as características associadas à forma como a informação pode ser processada, tendo em conta dois sistemas distintos de processamento de informação (Racional e Experiencial), sendo então explorada a relação entre os estilos de pensamento com as atitudes e intenções para a Infidelidade. Espera-se que sujeitos com um pensamento tendencialmente mais experiencial, ou seja, mais intuitivos e impulsivos, tenham atitudes e intenções mais positivas para a Infidelidade. Colocamos assim a hipótese de que esta relação pode ser mediada pelo compromisso, tendo em conta o seu papel central para a manutenção de uma relação romântica. Apesar de ser esperado que sujeitos com um Estilo de Pensamento Experiencial dominante manifestem atitudes e intenções mais positivas para a Infidelidade, perante um grau de compromisso mais elevado, este efeito deixa de se verificar. É expectável que indivíduos com um Estilo de Pensamento Racional apresentem atitudes e intenções para Infidelidade mais negativas. Os dados foram recolhidos através da aplicação de um questionário online e a amostra é constituída por 380 sujeitos portugueses, heterossexuais que se encontram numa relação romântica. Os resultados obtidos, de modo geral, não corroboram as hipóteses do estudo. O Compromisso revelou-se, de facto e à semelhança de outros estudos, um bom preditor da manutenção da relação, mediando a relação do Estilo de Pensamento Experiencial com as Atitudes e Intenções face à Infidelidade, mostrando também uma influência significativa no relato de Atitudes e Intenções mais desfavoráveis face à Infidelidade. Por outro lado, ao contrário do esperado, os Estilos de Pensamento não parecem relacionar-se significativamente com as Atitudes e Intenções dos sujeitos face à Infidelidade.

Palavras-chave: Estilos de pensamento; Compromisso; Atitudes face à Infidelidade; Intenções face à Infidelidade.

Abstract

Given the devastating role that infidelity has in the context of romantic relationships, it has been an important subject in the research. In this study, we begin by describing the characteristics associated with how information can be processed, taking into account two distinct information processing systems (Rational and Experiential), and then we explore the relationship between these thinking styles and the attitudes and intentions towards infidelity. It is expected that subjects who have a more Experiential Style of Thinking are more intuitive and impulsive, so they are expected to have more positive attitudes and intentions for infidelity. Thus, it is hypothesized that this relationship between thinking styles and infidelity can be mediated by commitment, taking into consideration their central role in maintaining a romantic relationship. Therefore, subjects with a dominant Experiential Thinking Style should manifest more positive attitudes and intentions towards infidelity, but given a higher level of commitment, this effect will no longer be verified. Individuals with a Rational Thinking Style should exhibit more negative attitudes and intentions for infidelity, regardless of the degree of commitment. Data were collected through the application of an online questionnaire and the sample consisted of 380 Portuguese heterosexual subjects who are in a romantic relationship. The results obtained, in general, do not corroborate the hypothesis of the study. Commitment was, in fact and in common with other studies, a good predictor of relationship maintenance, mediating the relationship of Experiential Thinking Style with Attitudes and Intentions towards Infidelity, also showing a significant influence on the Attitudes and Intentions more unfavorable towards Infidelity. On the other hand, contrary to expectations, the Thinking Styles do not seem to be significantly related to the Attitudes and Intentions of the subjects towards Infidelity.

Keywords: Thinking styles; Commitment; Attitudes towards infidelity; Intentions towards infidelity.

Índice

Agradecimentos	II
Resumo	III
Abstract	IV
Índice de Figuras	VI
Índice de Tabelas	VI
Introdução	1
Parte I - Enquadramento Teórico	2
Capítulo I – Estilos de Pensamento	3
Capítulo II – Infidelidade	5
2.1. Definição	5
2.1. Abordagem ao estudo da Infidelidade	5
2.2. Atitudes e Intenções face à Infidelidade	7
Capítulo III – Compromisso	9
Parte II – Estudo Empírico	11
Capítulo IV – Metodologia	11
4.1. Objetivos e Hipóteses	11
4.2. Caracterização da amostra	12
4.3. Instrumentos	13
4.3.1. Estilos de pensamento	13
4.3.2. Atitudes e Intenções face à Infidelidade	13
4.3.3. Compromisso	14
4.4. Procedimento	14
Capítulo V – Resultados e Discussão	15
5.1. Análises preliminares	15
5.2. Compromisso como mediador explicativo	17
5.3. Discussão dos Resultados	19
Parte III - Discussão Geral	20
Conclusão	23
Referências Bibliográficas	24
Anexos	31

Índice de Figuras

Figura 5.2.1. Efeito da mediação do compromisso na relação entre o estilo de pensamento experiencial e as atitudes face à Infidelidade

Figura 5.2.2. Efeito da mediação do compromisso na relação entre o estilo de pensamento experiencial e as intenções face à Infidelidade

Índice de Tabelas

Tabela 1. Características da amostra e Testes das Diferenças (Demográficas e Relacionais)

Tabela 2. Médias, Desvios Padrão, e Intercorrelações das Variáveis, com Alfa de *Cronbach* (na diagonal)

Tabela 3. Diferenças entre sexos nas variáveis em estudo

Tabela 4. Diferenças entre coabitação nas variáveis em estudo

Introdução

Para a Psicologia Social importa perceber as diferenças individuais ao nível dos estilos cognitivos que se encontram ligados à representação, processamento e organização da informação (Messick, 1996), sendo que estas diferenças individuais resultam precisamente do contacto com o mundo, das nossas experiências e vivências pessoais.

As relações que se criam entre a nossa mente e o que nos rodeia são cognitivas e emocionais que parecem derivar de dois sistemas distintos de processamento da informação, racional e experiencial (Epstein, 1993). Assim, a ativação desses dois sistemas, torna possível ao indivíduo criar a sua própria visão do mundo e dar sentido à comunicação (Vala & Castro, 2013), o que é determinante para o comportamento e na relação com os outros.

Dado que estas diferenças ao nível do processamento da informação nos contextos interpessoais determinam as cognições e os comportamentos, à semelhança de outras investigações em Psicologia Social (Gawronski & Creighton, 2013), apoiar-nos-emos nas conceções das teorias duais.

Uma vez que o estado da arte relativamente aos estilos de pensamento no contexto das relações românticas se encontra pouco desenvolvido, propomos uma contribuição para melhorar o seu entendimento. Assim, no presente estudo apresentamos uma análise exploratória à forma como os estilos de pensamento podem orientar as nossas atitudes e intenções face a comportamentos de Infidelidade. Para medir as preferências individuais ao nível dos dois estilos de processamento, racional e experiencial, será utilizada a tradução para português (Lopes, 2017) do Rational-Experiential Inventory (REI, Pacini & Epstein, 1999) que foi construído com base na Teoria do Self Cognitivo-Experiencial de Epstein (1993).

Segundo Fiske (2010) é comum ao ser humano a necessidade de reduzir as incertezas que o mundo lhe induz. É também inerente a necessidade de satisfazer e regular outras necessidades importantes para a sua adaptação, tais como: controlo, pertença (Baumeister & Leary, 1995), confiança, auto-estima e intimidade (McAdams, 1989; Reis & Shaver, 1988). De forma a satisfazer as suas necessidades, o ser humano encontra-se disposto a criar e manter relações (Baumeister & Leary, 1995), principalmente as mais próximas e íntimas, como as relações românticas (Gere, MacDonald, Joel, Spielmann, & Impett, 2013).

Em todas as sociedades humanas conhecidas se verifica motivação para o estabelecimento de relações interpessoais, as quais assumem diferentes graus de proximidade (e.g., díades, grupos, redes) e nas quais os indivíduos revelam preocupação com os outros, esperando que o contacto estabelecido prevaleça no futuro (Hinde, 1996). Deste modo, as relações interpessoais têm inerente um conjunto de representações pessoais e sociais que são determinantes para o seu estudo. Estas dependem de diversos fatores como: o contexto relacional (e.g., familiar vs. trabalho), o grau de proximidade, intimidade e a duração da relação.

Assim, o estudo das dimensões sociopsicológicas das relações proximais tem evoluído nas últimas décadas (Berscheid & Reis, 1998), sendo que muita da atenção está voltada para a compreensão dos fatores associados à sua manutenção ou dissolução. É neste contexto que o compromisso se torna central, uma vez que descreve as razões associadas à manutenção da relação

(Arriaga & Agnew, 2001). Existem diferentes modelos de compromisso, sendo que na sua generalidade se baseiam na avaliação da motivação para persistir, ou não, na relação. A vontade de manutenção da relação é um conceito central no Modelo de Investimento de Rusbult (Rusbult, 1980; Rusbult, Martz, & Agnew, 1998) o qual constituirá também uma importante referência no contexto da nossa análise do compromisso.

Propomo-nos então a explorar se, numa amostra de indivíduos que se encontram num relacionamento romântico, os seus estilos de pensamento se relacionam com as atitudes e as intenções face à Infidelidade. Procuramos também perceber se o grau de compromisso assume um papel mediador entre estas variáveis em indivíduos com um Estilo de Pensamento Experiencial, dada a sua maior predisposição para apresentarem atitudes e intenções mais favoráveis face à Infidelidade que relatam.

Parte I - Enquadramento Teórico

Tal como exposto inicialmente, as pessoas apresentam necessidades e motivações para o estabelecimento de relações interpessoais. Qualquer interação que se estabeleça no decorrer do nosso dia a dia tem inerente a possibilidade de evoluir para um relacionamento interpessoal. Sendo que a sua definição passa pela ocorrência de interações repetidas com a mesma pessoa ao longo do tempo, existindo um crescendo ao nível de interdependência, bem como do grau de influência dos comportamentos de cada um no outro (Rodrigues, Lopes & Oliveira, 2011).

Considera-se que uma relação interpessoal se começa a formar a partir do momento em que, perante uma interação social, é perspectivada a ocorrência de um contacto futuro com essa mesma pessoa (Reis, 1995). As relações interpessoais podem progredir no que respeita ao grau de intimidade, sendo que os relacionamentos românticos se caracterizam pela presença de partilha afetiva aliada a uma dimensão sexual (e.g., Moser, 1994, citado por Rodrigues & Lopes, 2012).

Para além do que distingue as relações românticas de outras relações interpessoais, estas podem ser também distintas entre si, dependendo das características associadas ao relacionamento romântico existente, tais como: o grau de compromisso na relação, se coabitam e a longevidade dessa relação.

Tendo as relações românticas como pano de fundo, iremos explorar se existe relação entre os estilos de pensamento, os fatores associados à manutenção das relações românticas (e.g., compromisso) e as atitudes e intenções face à Infidelidade.

Capítulo I – Estilos de Pensamento

As relações interpessoais são estabelecidas e construídas por meio de processos mentais, os quais permitem aos indivíduos entender o outro, o mundo e também dar-se a conhecer. Desde o início do estudo das teorias duais que o foco principal tem estado voltado para a ação do indivíduo no contexto das suas interações interpessoais, tais como a persuasão, a atitude-comportamento, o preconceito e o estereótipo. No estudo das relações românticas não se tem dado a atenção necessária à forma como a informação é processada, percebida e interpretada. Desta forma parece que uma associação entre estas abordagens pode fornecer informação relevante acerca da complexidade das relações humanas.

O processamento dual, à luz de modelos integrativos, envolve a influência de diversas teorias sociais, descrevendo o processo mental através de dois princípios que operam de forma independente e qualitativamente distinta (e.g., Epstein, 1994; Kahneman, 2003; Lieberman, 2003; Smith & DeCoster, 2000; Strack & Deutsch, 2004). Estes sistemas de processamento têm tido, em função do modelo ou orientação teórica que os apresentam, diferentes designações, no entanto são considerados equiparáveis pela literatura (e.g., Stanovich & West, 2000).

É neste contexto que se enquadra a Teoria do Self Cognitivo-Experiencial (Epstein, 1993), uma teoria da personalidade com caráter integrativo, uma vez que contribui para a clarificação de constructos e conceitos de diferentes orientações teóricas. Nesta teoria, Epstein (2012) salienta a importância das necessidades no funcionamento humano e a sua imprescindível satisfação para a adaptação. Identificou quatro necessidades básicas e importantes, as quais exercem a sua influência e predominância: a maximização do prazer e minimização da dor; necessidade de assimilar e representar os dados da realidade num sistema conceptual estável e coerente; necessidade de proximidade; e necessidade de autoestima. Assim, segundo esta teoria, para que o indivíduo consiga atingir um funcionamento adaptativo, estas necessidades devem encontrar-se reguladas.

Epstein (1993,2003) faz corresponder a cada necessidade apresentada uma crença básica. Ao facilitar a compreensão do grau em que cada necessidade se encontra satisfeita, auxilia a que sejam mobilizados os recursos necessários para a sua satisfação. As necessidades do ser humano encontram-se associadas a crenças que, tratando-se de cognições, enfatizam a forma como o indivíduo pensa, sente e age no seu próprio contexto. O processo de satisfação ou frustração destas necessidades é individual, permitindo a atribuição de um significado para o *self*.

Na Teoria do Self Cognitivo-Experiencial são distinguidos dois sistemas de processamento de informação. O Sistema Racional ou Cognitivo que depende da lógica e da racionalidade, é um sistema inferencial, deliberativo, analítico, lento e livre de afeto (Epstein, Pacini, Denes-Raj & Heier, 1996). Por oposição, o Sistema Experiencial ou Intuitivo é automático e holístico, baseando na experiência, intuição e afeto. Para os autores, intuição define-se como “saber sem saber como alguém sabe”.

O Sistema Racional permite ao indivíduo alcançar níveis mais elevados de pensamento abstrato e mais complexo, sendo que opera segundo o entendimento que o indivíduo tem das regras de raciocínio e da avaliação de evidências que estas lhe permitem fazer. Por outro lado, em vez de usar regras ou lógica, o sistema experiencial apoia-se em representações simbólicas, como palavras

ou números, estando intimamente ligado às experiências pessoais e ao afeto (Pacini & Epstein, 1999; Denes-Raj & Epstein, 1994).

O Sistema Experiencial codifica a informação de duas formas distintas, essa codificação pode partir de memórias de eventos específicos ou através de representações abstratas, como metáforas e narrativas. Ao contrário do que o senso comum poderia prever, o sistema experiencial é organizado, adaptativo e não apenas uma combinação de cognições implícitas (Tversky & Kahneman, 1974). O processamento Experiencial evolui no sentido de fornecer respostas adaptativas face a informação nova, sendo claro que existe uma aprendizagem implícita e respostas intuitivas perante situações nunca experienciadas. Assim, são criadas de forma automática teorias implícitas da realidade, as quais resultam da esquematização do conteúdo experiencial (Epstein, 2003).

Nesta teoria os dois sistemas funcionam em paralelo, podendo atuar em harmonia e sinergicamente, sendo que, por vezes, entram em conflito perturbando o desempenho do outro sistema. Ao serem independentes, estes sistemas promovem a possibilidade de que, um mesmo indivíduo, possa ter igual tendência para processar informação de forma racional ou intuitiva, dependendo do contexto e do estímulo (Denes-Raj & Epstein, 1994). Apesar destes processos ocorrerem numa perspetiva interativa, ainda não foram encontradas evidências de qual sistema opera primeiro face às questões de tomada de decisão, ou quando se opta por seguir a cabeça ou o coração (e.g., Langan-Fox & Shirley, 2003). Assim, para além das diferenças individuais existentes ao nível dos estilos de pensamento, a situação assume-se como determinante na influência que cada um dos sistemas irá exercer no comportamento (Epstein & Denes-Raj, 1994).

De forma exploratória iremos analisar se as diferenças individuais para a adoção preferencial de um determinado estilo de pensamento se relacionam com as atitudes e intenções face à Infidelidade. Esperamos que os indivíduos experienciais apresentem atitudes mais favoráveis face à Infidelidade dado que tendem a ser guiados pelas emoções e pela procura de prazer em detrimento da dor. Os seus comportamentos podem decorrer da sua impulsividade, orientados por experiências passadas e pelas conceções fundadas a partir da sua própria experiência (Epstein, 2011).

Em oposição, uma vez que o estilo de pensamento racional é caracterizado pelo controlo do comportamento pelo pensamento, o qual implica um raciocínio lógico, consciente, integrado e preocupado com as normas sociais (Burton, 2003; Epstein, 2011), esperamos que os indivíduos tendencialmente racionais, manifestem atitudes e intenções menos favoráveis face à Infidelidade.

Capítulo II – Infidelidade

2.1. Definição

A Infidelidade tem vindo a assumir um papel central no contexto do estudo das relações românticas e da Psicologia Social nas últimas décadas (Barta & Kiene, 2005), pela dimensão dos efeitos colaterais potenciados por este comportamento (sexual e não sexual), sendo inegável a influência devastadora no bem-estar das relações (Glass & Wright, 1988; Hall and Fincham, 2009), sejam estas conjugais, de namoro, coabitação e ou de curta ou longa duração.

Ainda que o estado da arte no que respeita à definição deste conceito esteja a evoluir, é ainda um desafio apresentar uma definição consensual (Afonso, 2011). Lieberman (1988) apoia a sua definição do conceito de Infidelidade nos comportamentos de cariz sexual, enquanto uma violação das normas de uma relação de compromisso e exclusividade através de um ato sexual com um parceiro que não o primário. Outros, como Gibson (2008), referem que a componente emocional deve ser central na definição deste conceito. Numa tentativa de sumariar as diferentes abordagens à definição deste constructo, Blow e Harnett (2005) sugerem:

A Infidelidade é um ato sexual e/ou emocional cometido por uma pessoa que está numa relação de compromisso, onde tal ato ocorre fora da relação primária e constitui uma quebra na confiança e/ou a violação de um acordo de normas (explícitas e implícitas) por um ou ambos os indivíduos nesse relacionamento em relação à exclusividade romântica/emocional ou sexual (pp.191 e 192).¹

Na sua generalidade, assume-se que comportamentos íntimos que os indivíduos manifestam no contexto de uma relação romântica, como ter sexo ou trocar carícias, são apresentados geralmente como exclusivos dessa relação e para com o parceiro da relação primária (O'Sullivan & Ronis, 2013). Quando estes ocorrem fora dessa relação podem ser designados por comportamentos extra-diádicos (Luo, Cartun, & Snider, 2010) de cariz sexual e/ou emocional (e.g., Glass & Wright, 1985).

Para uma melhor compreensão do conceito de Infidelidade têm vindo a ser estudados os seus preditores (Drigotas, Safstrom, & Gentilia, 1999; Roscoe, Cavanaugh, & Kennedy, 1988); as motivações que conduzem à sua manifestação (Barta & Kiene, 2005); e as reações e consequências que estes comportamentos acarretam para a relação (Shaw, Rhoades, Allen, Stanley, & Markman, 2013).

2.1. Abordagem ao estudo da Infidelidade

A pesquisa em torno da Infidelidade tem apresentado então grandes desenvolvimentos no que respeita ao entendimento da sua prevalência, dos seus preditores, das reações e consequências perante a sua ocorrência, mas não tanto sobre a definição, caracterização e medição desses comportamentos (Wilson, Mattingly, Weidler, & Bequette, 2011).

Assim, dado que existe pouco consenso relativamente aos comportamentos e atitudes indicadores de Infidelidade, destacamos a pertinência da investigação focada nas perceções e atitudes acerca destes comportamentos mediante a análise de fatores individuais, relacionais e contextuais que as possam influenciar (Mattingly, Wilson, Clark, Bequette, & Weidler, 2010; Martins,

¹ Tradução livre do autor

Pereira, Andrade, Dattilio, Narciso, 2016).

A partir da forma como os indivíduos percebem os comportamentos extra-diádicos, estes podem ser classificados à luz de três categorias distintas (Rodrigues, Lopes & Pereira, 2016):

a) comportamentos ambíguos, menos percebidos como Infidelidade e onde pode não ser clara a sua existência (e.g., dançar, falar ao telefone ou via internet com outro parceiro que não o primário); b) comportamentos decetivos, moderadamente percebidos como representativos de Infidelidade (e.g. mentir ao parceiro primário); e c) comportamentos explícitos, percebidos como os mais representativos de Infidelidade (e.g., sexo oral).

As diferenças individuais existentes relativamente à percepção dos comportamentos extra-diádicos (Wilson et. al., 2011) podem assumir-se como particularmente prejudiciais para a qualidade da relação quando existem percepções discrepantes entre os parceiros (McAnulty & Brineman, 2007). As diferenças perceptivas, atitudinais e até motivacionais que se verificam entre os membros do casal podem ser particularmente desafiadoras uma vez que, em parte, dependem da sua condição biológica: ser homem, ser mulher.

Roscoe, Cavanaugh e Kennedy (1988) analisam a diferença entre os sexos no modo como estes concecionam a Infidelidade. Os resultados indicam que os homens tendem a ver comportamentos sexuais (e.g., acariciar alguém que não o parceiro primário; ter um envolvimento sexual com outro parceiro) como sendo mais representativos de Infidelidade, comparativamente ao sexo feminino. Por outro lado, as mulheres, mais do que os homens, classificam comportamentos de cariz emocional (e.g., jantar fora com um amigo; mentir ao parceiro primário), como indicativos de Infidelidade.

No contexto da Infidelidade, além da importância de reconhecer os comportamentos que lhe são subjacentes, é também necessário reconhecer os motivos que os impulsionam. A teoria motivacional de Infidelidade apresenta diferenças entre os sexos no que respeita às suas motivações, as quais podem ser de ordem pessoal, interpessoal e social (Barta & Kiene, 2005). A motivação emocional encontra-se relacionada com sentimentos de insatisfação e raiva, sendo mais comum nas mulheres. A motivação sexual é mais característica do sexo masculino e relaciona-se com o desejo de ter sexo mais frequentemente e com um maior número de parceiros sexuais.

Nos estudos acerca das atitudes face à Infidelidade têm sido utilizadas, predominantemente, amostras de sujeitos que se encontram numa relação conjugal, dada a maior dificuldade em definir e controlar as características das relações de namoro, bem como por tenderem a não envolver a mesma exclusividade sexual e emocional, frequentemente mais associadas ao casamento (McAnulty & Brineman, 2007). No entanto, a literatura tem demonstrado semelhanças neste tipo de relações em termos da dinâmica relacional e das atitudes face à Infidelidade (Drigotas et al., 1999).

Uma vez que a duração da relação será considerada na nossa análise, destacamos algumas referências à sua influência nas atitudes e intenções face à Infidelidade. Num estudo com alunos universitários, fantasias com o envolvimento extra-diádico mostraram-se positivamente associadas com a duração da relação (Hicks & Leitenberg, 2001). Em indivíduos casados ou a coabitar, cuja duração da relação é geralmente mais longa que os que estão numa relação de namoro, foi associada uma maior probabilidade de manifestarem comportamentos de Infidelidade (Treas & Giesen, 2000). Por outro lado, em outros estudos (e.g., McAlister, Pachana, & Jackson, 2005), a

associação entre a duração da relação e a tendência para comportamentos extra-diádicos, como beijar ou ter sexo, não foi encontrada.

2.2. Atitudes e Intenções face à Infidelidade

Devido à sua complexidade, o comportamento humano pode ser definido de diversas formas. Para a Psicologia Social, no contexto da análise dos comportamentos, devem ser consideradas as atitudes que lhes subjazem, não só na tentativa de os explicar, mas também de os prever (Afonso, 2011). Uma atitude é definida como uma tendência psicológica para adotar um posicionamento favorável, ou não, relativamente a um objeto específico (Eagly & Chaiken, 1993). As atitudes têm surgido no contexto do estudo da Infidelidade como uma das principais causas da sua prevalência na nossa sociedade (Mattingly et. al., 2010), podendo assim ser analisadas enquanto predictoras deste comportamento (Drake & McCabe, 2000; Jackman, 2015; Sharpe, Walters, & Goren, 2013).

As atitudes face à Infidelidade são então representadas pela posição subjetiva que os indivíduos tomam relativamente aos comportamentos de Infidelidade (Wilson et. al. 2011) e surgem da combinação de fatores individuais, disposicionais e contextuais (Treas e Giesen, 2000), entre eles: género (Wiederman & LaMar, 1998); grau de satisfação na relação (Glass & Wright, 1985); nível de compromisso (Rusbult & Mattingly, 2010); religiosidade (Burdette, Ellison, Sherkat & Gore, 2007); normas sociais (Buunk & Bakker 1995); características de personalidade (Barta e Kiene, 2005); nível de educação (Atkins, 2001); e as experiências sexuais anteriores (Treas & Giesen 2000).

Tem vindo a verificar-se a existência de diferenças individuais entre homens e mulheres relativamente ao seu posicionamento face à Infidelidade. Os homens têm reportado atitudes mais favoráveis face à Infidelidade do que as mulheres (Sharpe, Walters, & Goren, 2013). Esta diferença entre sexos, no que respeita à formação de atitudes, parece relacionar-se com o seu posicionamento geral relativamente ao conceito de amor e sexo (Cramer, Abraham, Johnson, & Manning-Ryan, 2001–2002, citado por Wilson et. al 2011).

A presença de atitudes mais permissivas combinadas com um maior número de parceiros sexuais no passado, parecem aumentar a probabilidade de ocorrência de comportamentos de Infidelidade (Feldman & Cauffman, 1999). Por outro lado, comportamentos de Infidelidade registados no passado parecem exercer também influência nas atitudes e nas perceções dos indivíduos no presente, tendendo estes a apresentar, de um modo geral, atitudes mais favoráveis face à Infidelidade (Solstad & Mucic, 1999). Ainda que neste estudo não seja medida a manifestação destes comportamentos, parece-nos relevante destacar estas evidências pela influência que as atitudes parecem ter na sua ocorrência.

Para além das diferenças anteriormente referidas, a literatura também sugere que os homens, em comparação com as mulheres, demonstram maior predisposição para ter uma orientação sociossexual não restrita (Simpson & Gangestad, 1991), uma vez que são mais permissivos em relação aos comportamentos extra-diádicos do que as mulheres (Seal, Agostinelli, & Hannett, 1994; Rodrigues, Lopes & Pereira, 2017).

Posto isto, começa a perceber-se o desafio que existe em inferir, de forma direta, comportamentos de Infidelidade a partir das atitudes dos sujeitos face à Infidelidade (Jones, Olderbak, & Figueredo, 2011), pois as atitudes, tal como as intenções, nem sempre se traduzem

direta e linearmente em comportamentos (Ajzen & Fishbein, 2005). No estudo de Rodrigues, Lopes e Pereira (2016) os indivíduos que manifestam atitudes homossexuais menos restritas apresentam maior predisposição para o envolvimento com diferentes parceiros sexuais, no entanto estes podem não apresentar comportamentos concordantes com essa disposição por diferentes motivos, como a falta de oportunidade ou a influência de fatores culturais.

De um modo geral, esta não linearidade entre atitudes, intenções e comportamentos, verifica-se na atitude negativa que a maioria das pessoas apresenta relativamente aos comportamentos extra-diádicos, apesar de serem considerados imorais e reprováveis (Widmer, Treas, & Newcomb, 1998) ainda assim, estes comportamentos continuam a manifestar-se (Jackman, 2015).

Esta complexidade verificada no contexto dos comportamentos de Infidelidade motivou Jackman (2015) a elaborar um estudo onde explora a relação entre atitudes e intenções, no sentido de perceber o papel das atitudes enquanto predictoras das intenções para a Infidelidade. Nesse estudo Jackman apresenta um modelo das intenções de Infidelidade onde combina o comportamento planeado e os modelos atitudinais. Para a análise do comportamento planeado apoiou-se nos constructos da Teoria da Ação Planeada (Ajzen, 1988), na qual a intenção é apontada como fator central para que o indivíduo apresente um determinado comportamento. As intenções são então descritas como indicadores do grau de esforço e sacrifício que uma pessoa está disposta a fazer para manifestar um determinado comportamento (Ajzen 1991, 2012) ou seja, estão na base das suas motivações.

Jackman (2015) conclui então que, sujeitos que possuem uma visão mais favorável face à Infidelidade, tendem a ter intenções mais positivas para com a mesma. No seu estudo as atitudes são a variável que mais se correlaciona com as intenções para a Infidelidade, as quais são influenciadas pelo sexo dos sujeitos, a sua religiosidade e as suas experiências de Infidelidade. Explica ainda que, uma rede social de suporte e uma crença positiva relativa à facilidade de atrair outro parceiro, também constituem fatores favoráveis para a apresentação de intenções mais positivas face à Infidelidade.

Assim, no que respeita ao comportamento, as atitudes e intenções apresentam-se como uma orientação, as quais não garantem, por si só, a sua ocorrência. Mais uma vez se destaca a relevância que as condições contextuais que, independentes das motivações, influenciam os comportamentos (Ajzen 1991). Estudos demonstram que os homens apresentam maior tendência para intenções positivas face à Infidelidade e que, quando colocados em situações reais ou imaginárias facilitadoras da ocorrência de comportamentos extra-diádicos, em comparação com as mulheres, apresentam respostas mais favoráveis (Buunk & Bakker, 1995; McAlister, Pachana & Jackson, 2005; Treas & Giesen, 2000).

Posto isto, por reconhecermos a complexidade das relações que se podem estabelecer entre estes constructos iremos, à semelhança dos estudos de Drake e McCabe (2000) e de Jackman (2015), considerar simultaneamente e de forma exploratória a possível relação entre as variáveis em estudo (e.g., estilos de pensamento, compromisso) e as atitudes e as intenções face à Infidelidade.

Capítulo III – Compromisso

No decorrer da investigação acerca das relações interpessoais, nomeadamente sobre as características das relações românticas, a Infidelidade surge como um dos maiores destabilizadores do bem-estar da relação. Na literatura surgem diversos modelos de compreensão deste conceito, como por exemplo, a Teoria Evolucionista de Trivers, (1972); a Double Shot Hypothesis de DeSteno e Salovey (1996); o Modelo Do Investimento de Rusbult (1980), ou o Modelo do *deficit* de Thompson (1983). Neste estudo iremos utilizar a abordagem do Modelo do Investimento de Rusbult, uma vez que é centrado no compromisso, variável central nesta investigação. O compromisso tem sido descrito como um preditor fiável de felicidade, ajustamento sexual, intimidade, de bem-estar da relação e da fidelidade (Drigotas et al., 1999, Rusbult et al., 1998, Rodrigues & Lopes, 2015).

Este modelo surge como uma extensão da Teoria da Interdependência (Thibaut & Kelley, 1959), onde as relações persistem quando os resultados obtidos pelos indivíduos na relação, são benéficos e satisfatórios (Le & Agnew, 2003). Desta forma, os indivíduos são, no geral, motivados para maximizar os benefícios e minimizar os custos (Rusbult, 1980). Esta Teoria explica que a manutenção da relação é baseada numa estrutura de interdependência entre os envolvidos. É através do nível de dependência que percecionamos o nível da qualidade de uma relação (Rusbult & Van Lange, 1996). A dependência é o estado descritivo e estrutural da relação, enquanto que o compromisso é a experiência psicológica desse estado.

À semelhança da Teoria da Interdependência, o Modelo do Investimento de Rusbult analisa possíveis razões para que os indivíduos permaneçam numa relação romântica, mesmo quando o nível de satisfação na relação é baixo e existe a perceção de alternativas atrativas (Drigotas, 1999). Assim, o compromisso é analisado como foco central nas relações românticas e definido como uma motivação a longo prazo para manter o relacionamento, intenção para persistir e estabelecer um forte laço afetivo com o parceiro (Arriaga & Agnes, 2001).

O compromisso é influenciado por três variáveis. O grau de satisfação, que implica uma perceção satisfatória relativamente ao parceiro e à relação. A qualidade das alternativas, em que se avalia a capacidade que um sujeito fora da relação satisfazer as suas necessidades. O tamanho do investimento é representado pela magnitude e importância dos recursos depositados na relação, tanto intrínsecos como extrínsecos (Rodrigues, Lopes, & Oliveira, 2012).

A qualidade da relação, avaliada pelo grau de satisfação e compromisso para com a relação, é considerada uma variável central quando se avalia a associação entre o grau de compromisso e a possibilidade de ocorrência de Infidelidade (Mattingly et. al., 2010). Desta forma, quanto menor a qualidade da relação, maior é o risco de verificar comportamentos de Infidelidade (Rodrigues, Lopes, & Pereira, 2016).

Com efeito, as pessoas que estão altamente satisfeitas com a relação, que não percecionam alternativas atrativas e têm investido muito na relação, estarão mais comprometidas com a relação romântica (Rusbult, 1980, 1983). Quando existe um baixo nível de investimento e são consideradas alternativas atrativas à relação, o grau de compromisso é menor, o que pode implicar que se verifiquem comportamentos de Infidelidade. Assim, o compromisso parece afetar diretamente a Infidelidade, bem como os comportamentos do dia a dia, incluindo a decisão de persistir, ou não, na

relação (Rodrigues & Diniz, 2016). Face à possibilidade de se verificar um comportamento de Infidelidade, o compromisso promove a ativação de estratégias e comportamentos pró-relação (Rusbult & Buunk, 1993) como, por exemplo, comportamentos de acomodação, disponibilidade de sacrifício, compreensão e derrogação das alternativas (Rusbult & Righetti, 2009).

O papel do compromisso enquanto mediador no estudo da Infidelidade também tem sido abordado por outros autores, por exemplo, Mattingly, Clark, Weidler, Bullock, Hackathorn, Blankmeyer, (2011), avaliaram o papel do compromisso enquanto mediador da relação entre a homossexualidade e a percepção de comportamentos de Infidelidade. A orientação homossexual apresenta-se como uma predisposição do indivíduo para ter uma relação sexual casual ou não comprometida (Rodrigues & Lopes, 2016). Assim, indivíduos com uma orientação homossexual restrita têm preferência por ter comportamentos sexuais no contexto de uma relação próxima e comprometida (Mattingly, 2010). Por outro lado, indivíduos com uma orientação homossexual não restrita sentem-se mais confortáveis com o sexo casual e com o flirter com um desconhecido (Rodrigues & Lopes, 2016).

Ainda que apresentem uma predisposição para ter sexo casual, dado o seu maior foco nos benefícios a curto prazo, os indivíduos homossexualmente não restritos, alteram o seu foco motivacional quando comprometidos com o seu relacionamento atual. O compromisso assume-se um preditor da manutenção da relação, uma vez que as necessidades individuais poderão passar para segundo plano face à valorização das necessidades comuns no contexto da relação (Rodrigues, Lopes, & Pereira, 2016).

Parte II – Estudo Empírico

Capítulo IV – Metodologia

4.1. Objetivos e Hipóteses

Neste estudo, temos como objetivo perceber se os estilos de pensamento se relacionam com o modo como as pessoas se posicionam relativamente às atitudes e às intenções face à Infidelidade.

Como vimos ao longo da introdução teórica deste trabalho tem-se verificado que o compromisso, o estado da relação e a possibilidade de ocorrer comportamentos de Infidelidade se encontram relacionados.

Propomo-nos então a explorar o papel que o compromisso pode assumir enquanto mediador na relação entre o estilo de pensamento experiencial e as atitudes e intenções para a Infidelidade, uma vez que o Estilo de Pensamento Experiencial se encontra intimamente ligado e orientado pelas emoções e pela intuição. Este estilo de pensamento tende a ser mais rápido, primitivo e contextual, orientando a resposta para a ação e para resultados mais imediatos, principalmente para o prazer, descurando uma avaliação causa-efeito, isto é, não antevendo as possíveis consequências da ação (Epstein, 2012). Espera-se então que o modo como os sujeitos constroem as suas atitudes e intenções com um estilo de pensamento experiencial dominante apresentem atitudes e intenções mais positivas para a Infidelidade, mas porque comprometidos, o efeito dessa relação vai diminuir ou desaparecer.

Em oposição, não será testado o papel mediador do Compromisso na relação entre os Estilos de Pensamento Racional e as Atitudes e Intenções face à Infidelidade. Pelas características deste estilo de pensamento espera-se que, indivíduos tendencialmente racionais, apresentem atitudes e intenções mais negativas face à Infidelidade, devido ao seu pensamento mais controlado, consciente, intencional e orientado pelas normas sociais (Burton, 2003). Assim, acreditamos que poderia existir uma sobreposição entre a influência e a relação que o Estilo de Pensamento Racional e o Compromisso exercem nas Atitudes e Intenções face à Infidelidade.

Hipótese 1a. Esperamos que o estilo de pensamento experiencial conduza a atitudes mais positivas face à Infidelidade.

Hipótese 1b. Esperamos que o nível de compromisso desempenhe o papel mediador na relação entre o estilo de pensamento experiencial e as atitudes face à Infidelidade. Concretamente, esperamos que as pessoas com um estilo de pensamento experiencial tenham atitudes face à Infidelidade mais negativas, porque se sentem comprometidas na sua relação.

Hipótese 1c. Esperamos que o estilo de pensamento experiencial conduza a intenções mais positivas face à Infidelidade.

Hipótese 1d. Esperamos que o nível de compromisso desempenhe o papel mediador na relação entre o estilo de pensamento experiencial e as intenções face à Infidelidade. Concretamente, esperamos que as pessoas com um estilo de pensamento experiencial tenham intenções face à Infidelidade mais negativas, porque se sentem comprometidas na sua relação.

Hipótese 2a. Esperamos que o estilo de pensamento racional conduza a atitudes mais

negativas face à Infidelidade.

Hipótese 2b. Esperamos que o estilo de pensamento racional conduza a intenções mais negativas face à Infidelidade.

4.2. Caracterização da amostra

Depois de ter sido averiguada uma grande heterogeneidade da amostra, no que diz respeito à nacionalidade, orientação sexual e tipo de relacionamento atual, optou por se manter apenas os sujeitos de nacionalidade portuguesa, heterossexuais, que se encontravam numa relação romântica. Assim, a amostra final deste estudo é constituída por 380 sujeitos, sendo a sua maioria do sexo feminino (67.9%). A idade dos sujeitos é compreendida entre os 18 e os 65 anos ($M = 28.4$, $DP = 10.0$). Como se pode verificar na Tabela 1, 10.3% dos sujeitos concluiu o 12º ano de escolaridade; 43.7% afirmam ter ou estar a concluir o grau de Licenciatura; 37.1% indica ter um grau de Mestrado e 1.3% um grau de Doutoramento. Ainda pode ser constatado que 61.1% dos participantes se encontra neste momento empregado e que 29.2% da nossa amostra refere ser estudante. No que diz respeito à caracterização da amostra do ponto de vista relacional, todos os participantes afirmam estar numa relação romântica, sendo que 75.3% indicam que são solteiros, 8.9% que se encontram juntos em união de facto e 15.8% são casados. A duração da relação apresenta uma variância entre 1 mês e 503 meses ($M = 69.6$; $DP = 94.8$). Por último, relativamente à questão de coabitação 42.9% dos sujeitos afirma viver com o parceiro.

Tabela 1
Características da amostra e Testes das Diferenças (Demográficas e Relacionais)

	Total (n = 380)		Homens (n = 122)		Mulheres (n = 258)		χ^2	Cramer's V
	n	%	n	%	n	%		
Educação							27.92***	.27
12º ano	39	10.3	20	16.4	19	38.3		
Licenciatura	166	43.7	42	34.4	124	48.1		
Mestrado	141	37.1	41	33.6	100	38.8		
Doutoramento	5	1.3	0	0	5	1.9		
Outro	29	7.6	19	15.6	10	3.9		
Ocupação							7.08	.07
Estudante	111	29.2	26	21.3	85	32.9		
Trabalhador	232	61.1	86	70.5	146	56.6		
Desempregado	17	4.5	4	3.3	13	5.0		
Outra	20	5.3	6	4.9	14	5.4		
Tipo de Relacionamento							9.80**	.16
Solteiro	286	75.3	96	78.7	190	73.6		
União de facto	34	8.9	3	2.5	31	12.0		
Casado	60	15.8	23	18.9	37	14.3		
Coabitação							.66	.04
Não	163	42.9	66	54.1	151	58.5		
Sim	217	57.1	56	45.9	107	41.5		
			<i>M (SD)</i>		<i>M (SD)</i>		<i>t</i>	<i>p</i>
Idade (anos)			31.28 (11.32)		27.10 (9.05)		3.57	.000
Duração da Relação (meses)			80.15 (114.78)		64.60 (83.53)		1.34	.183

Nota. ** $p < .01$; *** $p < .001$;

4.3. Instrumentos

4.3.1. Estilos de pensamento

Os Estilos de Pensamento serão medidos no presente estudo através de duas escalas teoricamente independentes desenvolvidas para avaliar as preferências e os hábitos de pensamento, permitindo aceder às tendências dos sujeitos ao nível do processamento da informação. A Escala de Estilos de Pensamento Racional e Experiencial foi traduzida por Lopes (2017c) a partir do Rational-Experiential Inventory (Pacini & Epstein, 1999).

A escala inclui, na sua forma original, duas subescalas, uma que diz respeito à dimensão racional, medida através de 20 itens (e.g., “Eu possuo uma mente lógica”) e outra à dimensão experiencial também com 20 itens (e.g., “Eu costumo confiar nas minhas intuições”). As respostas a estas escalas são obtidas através de uma escala tipo Likert de sete pontos (1 – *Totalmente falso* e 7 – *Totalmente verdadeiro*). Lopes (2017c) procede a uma análise de conteúdo no sentido de verificar a validade que cada item apresenta na medição destes constructos. Desta forma, concluiu que, contrariamente ao estabelecido pelos autores da escala original, os itens não necessitam de ser invertidos para a análise das respostas. O resultado da análise de conteúdo sugere que cada item demonstra uma tendência específica e pode ser alocado a cada uma das duas subescalas. Ainda resultante deste processo de tradução e análise, foi verificada a ambiguidade de dois dos itens (e.g., “Eu não raciocino bem sob pressão” e “Eu suspeito que os meus palpites são tão corretos como incorretos”), pelo que foram retirados. Assim, a subescala Estilo de Pensamento Racional é constituída por 18 itens com um $\alpha = .80$ (e.g., “Eu não gostava de depender de uma pessoa que se apresenta como intuitiva”) e a subescala Estilo de Pensamento Experiencial apresenta 20 itens com $\alpha = .81$ (e.g., “Eu não sou muito bom a resolver problemas complexos”).

4.3.2. Atitudes e Intenções face à Infidelidade

A Escala de Atitudes face à Infidelidade traduzida por Lopes (2017a) a partir da original ATRI (Attitude Toward Relationships Infidelity Scale; DeWall, Lambert, Slotter, Pond, Deckman, Finkell, & Fincham, 2011) é uma escala que mede as atitudes dos sujeitos face a comportamentos de Infidelidade. Esta escala é constituída por cinco itens com $\alpha = .76$ (e.g., “Seria infiel ao meu parceiro se tivesse oportunidade”). As respostas a esta escala são obtidas através de uma escala tipo Likert com sete pontos (1 – *Discordo totalmente* e 7 – *Concordo totalmente*). De forma a que os itens revelassem a mesma tendência relativamente às atitudes de Infidelidade, no sentido de que maior pontuação corresponde a atitudes mais favoráveis face à Infidelidade, inverteram-se três itens: “Se conseguisse não ser apanhado, seria infiel ao meu parceiro”; “Ser infiel ao meu parceiro não seria algo do outro mundo”; “Seria infiel ao meu parceiro se tivesse a oportunidade”.

A Escala de Intenções face à Infidelidade, originalmente ITIS (Intentions Toward Infidelity Scale, Jones, Olderbak, & Figueredo, 2010) foi traduzida por Lopes (2017b) e permite aceder à probabilidade que um indivíduo apresenta em manifestar um comportamento de Infidelidade através da medição das intenções para manifestar esses comportamentos. Esta escala é constituída por sete itens, apresentando um $\alpha = .84$ (e.g., “Com que probabilidade pensa que conseguiria manter a sua Infidelidade em segredo do seu parceiro?”; “Com que probabilidade seria infiel ao seu parceiro

atual?”). As respostas são obtidas através de numa escala tipo *Likert* com sete pontos (1 – *Com baixa probabilidade* e 7 – *Com alta probabilidade*). De forma a dirigir as respostas no mesmo sentido foi invertido o item “Com que probabilidade diria ao seu parceiro se tivesse sido infiel?”. Assim, quanto mais alto o sujeito pontuar nesta escala, mais positivas serão as suas intenções face à infidelidade, o que prediz um maior grau de probabilidade na manifestação de comportamentos de infidelidade.

4.3.3. Compromisso

Foi medido através dos itens que constituem a subescala Compromisso presente na original Investment Model Scale (IMS; Rusbult, Martz, & Agnew, 1998), traduzida e adaptada para português por Rodrigues e Lopes (2013). Esta escala é constituída por sete afirmações (e.g., “Desejo que o meu relacionamento dure para sempre”) e, para que as respostas aos itens tendessem todos para a mesma direção, foram invertidos dois itens: “Não ficaria muito aborrecido/a se o nosso relacionamento terminasse num futuro próximo” e “É provável que eu tenha encontros românticos com outra pessoa que não o meu parceiro durante o próximo ano”. As respostas foram obtidas através de uma escala de tipo *Likert* de sete pontos (1 – *Discordo Totalmente*, 7 – *Concordo Totalmente*), sendo que quanto mais alta a resposta, maior o nível de compromisso. Esta escala apresenta um bom índice de confiabilidade ($\alpha = .90$) para esta amostra.

4.4. Procedimento

As medidas utilizadas foram introduzidas na plataforma on-line *Qualtrics*, resultando num *hyperlink* que foi divulgado em diferentes redes sociais e enviado através de e-mail, apelando à sua participação num estudo relacionado com questões acerca do dia-a-dia. Caso houvesse interesse por parte dos sujeitos, estes clicavam no endereço do questionário *online* e surgia uma página informando que o estudo poderia ser abandonado a qualquer momento.

A informação sobre os objetivos do estudo é apresentada aos sujeitos para que possam dar o seu consentimento informado, concordando em participar e declarando possuir mais de 18 anos. Na primeira parte do questionário são apresentadas diferentes questões de ordem sociodemográfica (e.g., idade, escolaridade, estado civil) e algumas questões acerca da relação romântica em que estavam envolvidos (e.g., duração da relação e coabitação). No restante são apresentadas as diferentes questões associadas às escalas mencionadas anteriormente, onde os itens seguiam uma ordem aleatória em cada secção.

Assim que terminava o questionário, era agradecida a participação neste estudo e era também mencionado que caso houvesse interesse nos resultados poderiam entrar em contacto com os investigadores. Não existia tempo limite para responder ao questionário e foram apenas usados aqueles que se encontravam completamente preenchidos.

Capítulo V – Resultados e Discussão

De forma a verificar a associação entre as variáveis em estudo, procedeu-se a uma análise de correlações, através do cálculo dos coeficientes de correlação de *Pearson*. Nesta análise são incluídas as variáveis Estilo de Pensamento Racional, Estilo de Pensamento Experiencial, Compromisso, Atitudes para a Infidelidade, Intenções para a Infidelidade e Duração da Relação. De forma a verificar a existência de diferenças nas médias relativamente ao Sexo e à Coabitação, foi realizado um *teste t*. Para testar o papel mediador do Compromisso na relação entre o Estilo de Pensamento Experiencial e as variáveis de Infidelidade (e.g., Atitudes e Intenções) utilizou-se o macro PROCESS para o SPSS (Hayes, 2013).

5.1. Análises preliminares

Os resultados da análise de correlações encontram-se na Tabela 2. Existe uma relação negativa e significativa entre o Estilo de Pensamento Experiencial e o Estilo de Pensamento Racional, $r(380) = -.240$; $p < .001$. A relação entre o Estilo de Pensamento Experiencial e o Compromisso é negativa e significativa entre $r(380) = -.105$; $p < .001$. Verificamos que a relação entre o Estilo de Pensamento Racional e o Compromisso não é significativa, $r(380) = -.068$, $p = .183$.

A relação entre o Compromisso e as Atitudes face à Infidelidade é significativa e negativa, $r(380) = -.569$; $p < .001$, é também significativa e negativa a relação entre o Compromisso e as Intenções face à Infidelidade, $r(380) = -.575$; $p < .001$. No que respeita à Duração da Relação verifica-se uma relação significativa com a variável Intenções face à Infidelidade $r(380) = .144$, $p < .001$ e com a variável Atitudes face à Infidelidade $r(380) = .218$, $p < .001$.

A relação entre o Estilo de Pensamento Experiencial e as duas variáveis de Infidelidade (e.g., atitudes e intenções) não apresenta significância estatística, no entanto, os valores aproximam-se de um resultado significativo, pelo que, na nossa análise iremos verificar se a relação entre ambas pode ser prevista através de uma mediação usando o macro PROCESS.

Tabela 2

Médias, Desvios Padrão, e Intercorrelações das Variáveis, com Alfa de Cronbach (na diagonal)

Variável	Nº de itens	M	SD	1	2	3	4	5	6
1.Experiencial	20	3.7	0.7	(.81)					
2.Racional	18	4.2	0.6	-.240**	(.80)				
3.Intenções	7	2.1	1.2	.085	.088	(.84)			
4.Atitudes	5	1.7	1.1	.089	.077	.682**	(.76)		
5.Compromisso	7	6.2	1.0	-.105**	-.068	-.575**	-.569**	(.90)	
6. Duração da Relação	-	69.6	94.8	.001	.004	.144**	.218**	-0.49	-

Nota. N=380. A Variável Duração da Relação apresenta-se em meses.

** $p < .01$.

Tendo como finalidade verificar se existem diferenças de médias entre o Sexo e as variáveis em estudo, Estilo de Pensamento Experiencial e Racional, Atitudes Intenções face à Infidelidade, Compromisso e Duração da Relação, foi realizado um teste de diferenças de médias para amostras independentes – teste *t*.

Como se pode observar na Tabela 3, são verificadas diferenças significativas entre os sexos face à Infidelidade, sendo que os homens dão respostas mais positivas face às Atitudes face à Infidelidade (M = 2.09, DP = 1.36) comparativamente com as mulheres (M = 1.51, DP = .87), $t(380) = 4.34$, $p < .001$ e que o mesmo se verifica para as Intenções face à Infidelidade, sendo que são os homens que respondem mais positivamente (M= 2.56, DP = 1.37) em comparação com as mulheres (M =1.82, DP = 1.07), $t(380) = 5.29$, $p < .001$. Já as mulheres apresentam valores mais elevados relativamente ao Compromisso (M = 6.42, DP = .86), que os homens (M = 5.81, DP = 1.16), $t(380) = -5.78$ $p < .001$, representando assim uma diferença significativa entre os sexos.

A diferença verificada entre os sexos relativamente à Duração da Relação não é significativa, sendo mais elevada nos homens (M = 80.15, DP = 114.8), $t(380) = 1.34$, $p = .136$. Embora não existam diferenças entre as médias das respostas dos sexos no que respeita ao Estilo de Pensamento Racional, os homens pontuam significativamente mais alto (M = 4.41, DP = .56) do que as mulheres (M = 4.08, DP = .60), $t(380) = 5.20$, $p < .001$.

Por último, relativamente ao Estilo de Pensamento Experiencial, as mulheres apresentam valores médios mais elevados (M = 3.73, DP = .68) do que os homens (M = 3.61, DP = .70), $t(380) = -1.58$, $p = .116$.

Tabela 3

Diferenças entre Sexos nas variáveis em estudo

Variável	Homens (n = 122)		Mulheres (n = 258)		t	p
	Mean	SD	Mean	SD		
Experiencial	3.60	.70	3.73	.68	-1.58	.116
Racional	4.41	.56	4.08	.60	5.05	.000
Intenções	2.56	1.37	1.82	1.07	5.29	.000
Atitudes	2.09	1.36	1.51	.87	4.34	.000
Compromisso	5.81	1.16	6.42	.86	-5.20	.000
Duração da Relação	80.15	114.8	64.6	83.5	1.34	.183

Nota. Dado que se verificaram diferenças significativas entre as médias nas variáveis: Intenções, Atitudes, Compromisso ($p < .001$) e Duração da Relação ($p < .005$), os valores do Teste *t* foram retirados da coluna "variâncias iguais não assumidas".

Para as variáveis Experiencial e Racional, uma vez que não apresentam diferenças significativas entre as médias ($p > .05$), os valores do Teste *t* foram retirados da coluna "variâncias iguais assumidas".

Na Tabela 4 é apresentada uma outra análise baseada no teste de diferenças de médias para amostras independentes, teste *t*, no sentido de verificar se existem diferenças nas médias entre a Coabitação e as variáveis Estilo de Pensamento Experiencial e Racional, Atitudes e Intenções face à Infidelidade, Compromisso Duração da Relação.

Podemos verificar que, quem coabita com o parceiro, apresenta resultados mais elevados na escala das Atitudes face à Infidelidade (M = 1.85, DP = 1.21) em comparação com quem não coabita (M = 1.58, DP = .96), $t(380) = 2.34$, $p = .020$, embora a diferença se possa considerar significativa, apresenta um valor baixo. Podem ser também observadas diferenças significativas na Duração da

Relação, sendo que quem coabita com o parceiro apresenta um valor superior ($M = 120.5$, $DP = 124.3$) em comparação com quem não coabita ($M = 31.34$, $DP = 27.47$), $t(380) = 8.99$, $p < .001$.

Não são verificadas diferenças significativas entre quem coabita e quem não coabita com o parceiro nas variáveis relativas ao Estilo de Pensamento Racional, Experiencial, Intenções face à Infidelidade e Compromisso.

Tabela 4

Diferença na Coabitação com o parceiro face às variáveis em estudo

Variável	Coabita ($n = 163$)		Não Coabita ($n = 217$)		t	p
	M	SD	M	SD		
Experiencial	3.66	.76	3.72	.63	-.896	.371
Racional	4.17	.62	4.20	.60	-.441	.659
Intenções	2.13	1.13	2.00	1.19	.992	.322
Atitudes	1.85	1.21	1.58	.96	2.34	.020
Compromisso	6.31	1.03	6.16	.10	1.46	.146
Duração da Relação	120.5	124.3	31.34	27.47	8.99	.000

Nota. Dado que se verificaram diferenças significativas entre as médias nas variáveis: Atitudes e Duração da Relação ($p < .001$), os valores do Teste t foram retirados da coluna "variâncias iguais não assumidas".

As restantes variáveis: Experiencial, Racional, Intenções e Compromisso, uma vez que não apresentam diferenças significativas entre as médias ($p > .05$), os valores do Teste t foram retirados da coluna "variâncias iguais assumidas".

5.2. Compromisso como mediador explicativo

Para testar as nossas Hipóteses (1b e 1d) de mediação foram efetuadas 2 análises distintas, sendo que para a variável preditora Estilo de Pensamento Experiencial foram testadas duas variáveis critério: Atitudes face à Infidelidade e Intenções face à Infidelidade. O Compromisso manteve-se, em todo o processo, como variável mediadora (M) da relação. Foi controlado o efeito das covariáveis Sexo, Duração da Relação e Coabitação.

Foi feita uma mediação (Modelo 4) com 10.000 amostras *bootstrap* utilizando o macro PROCESS (Hayes, 2013). De acordo com a literatura (Hayes, 2012; Preacher & Kelley, 2011), os resultados do modelo de mediação com recurso ao macro PROCESS, devem ser analisados relativamente ao efeito indireto obtido, sendo que a significância da correlação entre variáveis não representa interesse estatístico neste modelo. Apesar de não ter sido verificada uma correlação significativa entre o Estilo de Pensamento Experiencial com as Atitudes e Intenções face à Infidelidade, é realizada uma regressão *bootstrap* para determinar se existe um efeito de mediação significativo no nosso modelo de análise.

Na Figura 5.2.1, verificamos que os resultados revelam um modelo de mediação significativo quando a nossa variável preditora é o Estilo de Pensamento Experiencial e a nossa variável critério são as Atitudes face à Infidelidade, $R^2 = .37$, $F(5, 374) = 44.98$, $p < .001$. O Estilo de Pensamento Experiencial teve um efeito negativo e significativo no Compromisso, $p = .012$ que, por sua vez, teve também um efeito negativo e significativo nas Atitudes face à Infidelidade $p < .001$. Os indicadores de mediação mostram que o efeito indireto (c') é positivo e significativo, 95% IC (.0229 – .1977), ao contrário do efeito direto $p = .30$, que perde o seu significado assim que o compromisso é controlado. Finalmente, este resultado é corroborado pelo Teste de Sobel, $Z = 2.46$, $p = .014$.

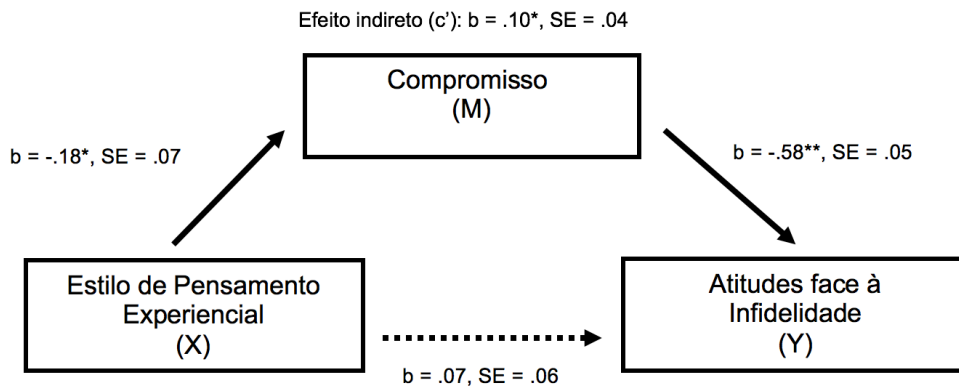


Figura 5.2.1 Efeito da mediação do Compromisso na relação entre o Estilo de Pensamento Experiencial e as Atitudes face à Infidelidade, $*p \leq .05$; $**p \leq .001$

Na Figura 5.2.2 verificamos que os resultados revelam um modelo de mediação significativo quando a nossa variável preditora é o Estilo de Pensamento Experiencial e a nossa variável critério são as Intenções face à Infidelidade, $R^2 = 0.36$, $F(5,374) = 42.31$, $p < .001$. O Estilo de Pensamento Experiencial teve um efeito negativo e significativo no Compromisso, $p = .012$ que, por sua vez, teve também um efeito negativo e significativo nas Intenções face à Infidelidade $p < .001$. Os indicadores de mediação mostram que o efeito indireto (c') é positivo e significativo, 95% IC (.0243 – .2154), ao contrário do efeito direto $p = .40$, que perde o seu significado assim que o compromisso é controlado. Finalmente, este resultado é corroborado pelo Teste de Sobel, $Z = 2.46$, $p = .014$.

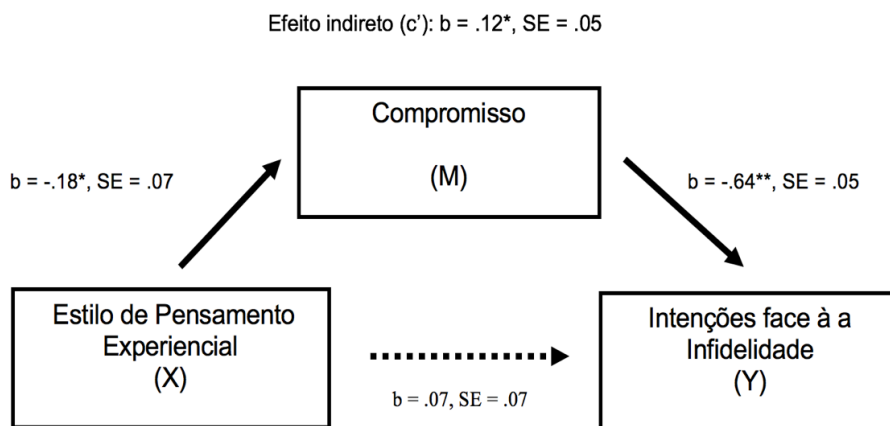


Figura 5.2.2 Efeito da mediação do Compromisso na relação entre o Estilo de Pensamento Experiencial e as Intenções face à Infidelidade, $*p \leq .05$; $**p \leq .001$

5.3. Discussão dos Resultados

Na sua generalidade, os resultados obtidos não corroboram as nossas hipóteses exploratórias. O Estilo de Pensamento Experiencial não parece conduzir a Atitudes e Intenções mais positivas face à Infidelidade (Hipóteses 1a e 1c). Verifica-se, no entanto, a existência de um efeito direto do Estilo de Pensamento Experiencial nas Atitudes e Intenções face à Infidelidade devido à inclusão do Compromisso enquanto mediador destas relações, obtendo assim dois modelos de mediação significativos. Contrariamente ao esperado, os efeitos da influência do Estilo de Pensamento Racional nas Atitudes e Intenções face à Infidelidade (Hipóteses 2a e 2b) não apresentam significância estatística, pelo que estas hipóteses não foram corroboradas.

No que respeita às correlações obtidas entre as escalas, destacamos que, ao contrário do que Epstein (2012) afirma ser esperado, o Estilo de Pensamento Experiencial apresenta uma correlação significativa com o Estilo de Pensamento Racional. Colocamos em hipótese que essa diferença se possa dever ao modo como a adaptação dessas escalas foi feita para português. Dado que, decorrente dessa adaptação, os itens das subescalas originais de Epstein (1999) foram distribuídos nas subescalas Experiencial e Racional em função do seu conteúdo, tornando a escala final distinta da original.

Como seria expectável, as Atitudes face à Infidelidade correlacionam-se positiva e significativamente com as Intenções face à Infidelidade, apresentando-se também significativamente correlacionadas com o Compromisso, mas em direção negativa.

Relativamente às variáveis demográficas analisadas, a amostra deste estudo revela existirem diferenças significativas entre os sexos nas variáveis Atitudes, Intenções, Compromisso e Duração da Relação. Ainda que a diferença entre os sexos não seja significativa relativamente às tendências para um processamento mais Experiencial ou mais Racional, os homens apresentaram valores médios mais elevados no subescala Racional enquanto que, as mulheres, se afirmaram mais Experienciais. Estas, contrariamente aos homens, manifestaram ter um maior grau de Compromisso na relação romântica. Estes resultados vão de encontro ao postulado em outros estudos, nos quais os homens apresentam uma maior disponibilidade para ter um relacionamento fora da relação primária (e.g, Mattingly et. al., 2010).

Ocorrem também diferenças ao nível das Atitudes e da Duração da Relação entre indivíduos que coabitam com o parceiro, face aqueles que não coabitam. As relações românticas dos indivíduos que coabitam com os seus parceiros são, significativamente mais longas do que os que não coabitam. A variável coabitação mostrou também exercer influência nas atitudes dos sujeitos face à Infidelidade, o que vai de encontro à literatura (Martins et. al 2016), sendo que os indivíduos que vivem com os seus parceiros, mostraram ter atitudes mais positivas face à Infidelidade. De forma não significativa, os sujeitos que se encontram em situação de coabitação com o parceiro, apresentam valores médios ligeiramente mais elevados na escala de Intenções face à Infidelidade, comparativamente aos que não coabitam.

Parte III - Discussão Geral

No decorrer desta análise exploratória entre os Estilos de Pensamento, o Compromisso e a Infidelidade, deparámo-nos com diferentes desafios que acreditamos serem inerentes ao estudo da Infidelidade. Destacamos a potencial dificuldade de obtenção de respostas sinceras por parte dos sujeitos. Ainda que a recolha das atitudes e intenções face à Infidelidade tenha decorrido através de um questionário online, o que parece facilitar que os sujeitos se posicionem de forma mais autêntica (Turner et al., 1998) relativamente aos itens das escalas de Infidelidade a média das respostas obtidas nestas escalas tenderam a apresentar-se no limite inferior da escala de *Likert* de sete pontos utilizada.

Acreditamos que este posicionamento tendencioso possa estar relacionado com o conceito de deseabilidade social, em que existe uma propensão dos sujeitos em dar respostas socialmente mais aceites, negando a associação individual com comportamentos socialmente reprováveis (Paulhus, & John, 1998). Assim, dada a natureza das Atitudes e Intenções face à Infidelidade é expectável que os sujeitos respondam de acordo ao que acreditam ser mais esperado no contexto das normas sociais e dos valores da sociedade em que estão inseridos. Parece-nos que esta tendência também se pode verificar na variável Compromisso, no entanto, de forma inversa, uma vez que este se encontra positivamente valorizado no contexto das relações românticas.

Ao nos propormos a explorar as Atitudes e Intenções face à Infidelidade com base na Teoria do Self Cognitivo-Experiencial (Epstein, 1993), verificámos que, nesta amostra, apenas o Estilo de Pensamento Experiencial mostrou poder ter relação com as Atitudes e Intenções face à Infidelidade. O Sistema Racional atua sobre um determinado evento de forma intencional, agindo em consideração com o que se encontra estabelecido pelas normas sociais através de uma ponderação consciente dos eventos (Burton, 2003). Encontrando-se envolvido em representações lógicas acerca das suas ações, tendo em conta o custo e o benefício das suas consequências e está associado a uma orientação a longo prazo (Epstein, 2012). Tomando como exemplo a parte cognitiva associada ao compromisso, a orientação para a duração a longo prazo, de uma relação romântica, permite que um indivíduo se perceciona com o seu parceiro num futuro distante através de uma perspetiva livre emoção e encontra-se associada com a persistência na relação (Arriaga, 2001). Mais que uma componente do compromisso, a orientação para ter uma relação a longo prazo surge como uma característica de alguém que está comprometido. Desta forma, parece que sujeitos com um estilo de pensamento racional mais dominante, se sintam mais comprometidos com uma tarefa e que a possam racionalizar de forma concreta através da análise das consequências dos seus comportamentos (Denes-Raj & Epstein, 1994).

Sujeitos com um sistema Experiencial dominante, estão associados a uma maior predisposição para ser impulsivos, para desejar benefícios a curto prazo e para manifestar uma maior apetência interpessoal. (Epstein 2012). Tendo em conta a literatura acerca das atitudes e intenções face à Infidelidade, parece que estas características têm vindo a estar associadas a uma maior permissividade face à Infidelidade (Jackman, 2015). Segundo McAlister e colegas (2005), Kelley (1983) propõe um modelo onde distingue três fatores determinantes nas relações proximais: pessoais, relacionais e ambientais e que são essenciais ao estudo das relações. Por exemplo, à luz deste modelo, a impulsividade poderia ser analisada do ponto de vista individual, como uma falta de

controlo do sujeito face a um determinado evento, assim esta característica individual poderá permitir que um comportamento aconteça, mesmo quando o sujeito tem uma atitude negativa para com o mesmo (McAlister e colegas, 2005). Assim, fatores pessoais como características de personalidade, atitudes ou até experiências passadas, aliados ao contexto, impactam as relações românticas. De acordo com o exposto e as características do estilo de pensamento experiencial, acreditamos que será interessante persistir no seu estudo no contexto da Infidelidade. Por exemplo a impulsividade, neste modelo é abordada como uma falta de controlo por parte do sujeito perante um determinado evento, podendo ser classificada como uma variável que promove um certo comportamento de acontecer mesmo quando o sujeito tem uma atitude negativa para com o mesmo. Assim o modelo, coloca ênfase nos fatores pessoais, como características de personalidade ou atitudes (e.g. Impulsividade, atitude mais permissiva face à Infidelidade devido a um maior numero de parceiros sexuais), que podem ter impacto sobre uma relação romântica. Parece assim, que de acordo com as características associadas ao estilo de pensamento experiencial, seria interessante verificar esta relação.

Como vimos (Jackman, 2015), as atitudes e intenções, apesar de poderem refletir uma posição e/ou tendência do sujeito isto face à Infidelidade, por exemplo, estas parecem ser influenciadas pelo contexto que envolve o indivíduo naquele momento. Para além disso, uma vez que os indivíduos experienciais são mais permeáveis ao contexto, deixando-se levar pelas emoções (Epstein, 1994), seria interessante explorar se a variância da diferença que estes apresentam relativamente às variáveis de Infidelidade seria maior do que a variância dessas diferenças nas atitudes e nas intenções em indivíduos racionais.

O compromisso mostrou-se central nas atitudes e intenções que os sujeitos apresentaram, implicando que estas se tornem menos favoráveis quando presente, o que vai de encontro ao postulado pela literatura em que o compromisso se revela central para a perceção dos desejos, atitudes e comportamentos ligados ao bem-estar de uma relação romântica (DeWall, et al., 2011) e que assim, tem vindo a ser representado como um bom preditor para a análise de Infidelidade (Drigotas et. al., 1999) dado que diminui a sua manifestação.

Embora o compromisso ajude a explicar porque diferentes formas de processar a informação têm impacto nas variáveis de Infidelidade, representando diferenças individuais ao nível das atitudes e intenções para a Infidelidade, a influência de alguns fatores não é totalmente explicada. No nosso modelo de análise foram controladas as covariáveis sexo, coabitação e duração da relação, tendo sido verificada a sua influência nas nossas variáveis de investigação.

O facto desta amostra ter sido recolhida em ambiente online, apesar de minimizar a influência da desejabilidade social nas respostas, acarreta limitações no que respeita ao controlo das características sociodemográficas e relacionais dos respondentes. Neste estudo houve diferenças significativas na amostra relativamente à Idade dos homens em comparação com as mulheres, o nível de Educação e o tipo de Relacionamento romântico (e.g., solteiros face a casados e em união de facto). Neste caso, dado o carácter exploratório do estudo, as significativas diferenças verificadas vêm limitar o potencial da análise, decorrente de uma menor significância dos resultados. Trata-se de uma limitação deste estudo uma vez que estas variáveis têm sido estudadas como covariáveis da Infidelidade.

A diferença entre os sexos tem sido uma variável individual constante na investigação pela sua relevância neste contexto (Drigottas, et al., 1999), uma vez que contribui para as diferenças que se verificam entre os sujeitos no que respeita às suas atitudes e intenções face à Infidelidade (Jackman, 2015). O nível educacional também se tem verificado uma covariável relevante na manifestação de comportamentos extra-diádicos, uma vez que indivíduos com um grau de ensino superior apresentam uma atitude mais favorável face à Infidelidade (Buunk, 1980). Na nossa amostra verificamos uma diferença significativa relativamente ao nível de educação dos sujeitos, sendo que na sua maioria têm um grau elevado de ensino. Neste sentido, seria interessante existir uma maior homogeneidade da amostra para que pudéssemos explorar essa tendência, no sentido de aferir se na população portuguesa o nível de ensino também se associa a atitudes e intenções mais favoráveis face à Infidelidade.

Relativamente ao Tipo de Relacionamento verifica-se, na nossa amostra, uma predominância de sujeitos Solteiros comparativamente aos Casados e em União de facto o que se apresenta como uma dificuldade para a exploração do papel do Compromisso enquanto mediador dado as evidências da literatura relativamente à relação que os diferentes Tipos de Relacionamento poderão representar no Compromisso e conseqüentemente na Infidelidade (Treas & Giesen, 2000; McAlister et al, 2005),

Assim, por tudo aquilo que foi referido anteriormente e independentemente das limitações que este estudo apresenta, a exploração da relação entre as variáveis Estilos de Pensamento (Experiencial, Racional), Compromisso e Infidelidade (e.g., Atitudes e Intenções), e as suas covariáveis, tanto as demográficas como as relacionais, deverá ser realizada em diferentes direções, propondo perceber os possíveis efeitos que umas, podem apresentar, sobre as outras.

A variável Atitudes face à Infidelidade apresenta uma diferença significativa entre as médias no que respeita à Coabitação. Tal como referido anteriormente não só a duração da relação, como o tipo de relacionamento, influenciam as atitudes (Hicke & Leitenberg, 2001). Assim, uma vez que a coabitação com o parceiro é mais frequente em relações mais longas, pode gerar-se um efeito destas variáveis nas atitudes face à Infidelidade. A Coabitação e a Duração da Relação parecem então influenciar significativamente as Atitudes e as Intenções face à Infidelidade e que, por isso, acreditamos que tenderão a ser substancialmente mais estudadas e melhor percebidas. Uma possível ampliação relativamente à exploração da sua influência poderá passar pela análise de possíveis relações entre os Estilos de Pensamento e a Infidelidade, tendo como variáveis moderadoras dessa relação variáveis relacionais como a Duração da Relação.

Para além disso, dado que a análise da influência dos Estilos de Pensamento na Infidelidade foi realizada tendo por base as respostas dos sujeitos relativamente às escalas de Infidelidade (e.g. Atitudes e Intenções), as quais parecem estar relacionadas com a Duração da Relação, seria particularmente enriquecedor para a verificação da influência dos Estilos de Pensamento na Infidelidade a possibilidade de se desenvolver um estudo longitudinal. Através desta exploração poderia melhor perceber-se se os Estilos de Pensamento são constantes no tempo e por isso, tal como Epstein (1993) postula, estáveis e caracterizadores da Personalidade do indivíduo, sendo que as Atitudes e Intenções face à Infidelidade poderão ser também elas relativamente estáveis, ou se, pelo contrário, são sensíveis às diversas influências contextuais (Jackman, 2015).

Conclusão

A realização desta investigação partiu de questões exploratórias acerca da relação entre os Estilos de Pensamento e as Atitudes e Intenções dos indivíduos face à Infidelidade. Apresentam-se resultados que permitem corroborar algumas evidências que decorrem da literatura que a suporta, mas também foram encontrados resultados que a contradizem. A relação entre o Estilo de Pensamento Experiencial e as Atitudes e Intenções face à Infidelidade apenas se mostrou significativa no contexto do modelo de mediação. No entanto, devido ao Compromisso assumir um papel mediador, os sujeitos tendencialmente mais experienciais, quando comprometidos, tendem a apresentar Atitudes e Intenções menos favoráveis face à Infidelidade. O Estilo de Pensamento Racional, ao contrário do esperado, não se mostrou influente no que respeita à manifestação de Atitudes e Intenções mais desfavoráveis face à Infidelidade.

Por fim, estes resultados apontam que o indivíduo nem sempre age de acordo com as suas representações e intenções e que o grau de Compromisso na relação romântica é um fator pró-relação que inibe a manifestação de Atitudes e Intenções mais favoráveis face à Infidelidade.

Percebeu-se também que as covariáveis Duração da Relação, Coabitação e Sexo se mostram significativamente relacionadas com as Atitudes e Intenções de Infidelidade e que será relevante, no futuro, analisá-las de forma mais preponderante.

Referências Bibliográficas

- Afonso, C. (2011). *Estilo de vinculação e relações extra-diádicas: Satisfação relacional e atitudes como mediadores* (Dissertação de mestrado não publicada). Mestrado Integrado em Psicologia, Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Ajzen I. (1988). *Attitudes, personality and behavior*. Chicago: Dorsey Press.
- Ajzen, I. (1991). The theory of planned behavior. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 50(2), 179-211. [http://dx.doi.org/10.1016/0749-5978\(91\)90020-T](http://dx.doi.org/10.1016/0749-5978(91)90020-T).
- Ajzen, I. (2012). The theory of planned behavior. In P. A. M. Lange, A. W. Kruglanski, & E. T. Higgins (Eds.), *Handbook of theories of social psychology* (pp. 438–459). London, United Kingdom: Sage.
- Ajzen, I., & Fishbein, M. (2005). The influence of attitudes on behavior. In D. Albarracín, B. Johnson, & M. Zanna (Eds.), *The handbook of attitudes* (pp. 173–221). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Arriaga, X. B., & Agnew, C. R. (2001). Being committed: Affective, cognitive, and conative components of relationship commitment. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 27(9), 1190 – 1203. doi:10.1177/0146167201279011.
- Atkins, D. C., Yi, J., Baucom, D. H., & Christensen, A. (2005). Infidelity in couples seeking marital therapy. *Journal of Family Psychology*, 19(3), 470-473.
- Barta, W. D., & Kiene, S. M. (2005). Motivations for infidelity in heterosexual dating couples: The roles of gender, personality differences, and sociosexual orientation. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22, 339–360.
- Baumeister, R.F., & Leary, M.R. (1995). The need to belong: Desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *Psychological Bulletin*, 117, 497-529.
- Berger, C. R. (2002), Strategic and Nonstrategic Information Acquisition. *Human Communication Research*, 28: 287–297. doi:10.1111/j.1468-2958.2002.tb00809.x.
- Berscheid, E., & Reis, H. T. (1998). Attraction and close relationships. In D. T. Gilbert, S. T. Fiske, & G. Lindzey (Eds.), *The handbook of social psychology* (Vol. 12, 4th ed., pp. 193-281). New York: McGraw-Hill.
- Blow, A. J., & Hartnett, K. (2005). Infidelity in Committed Relationships II: A Substantive Review. *Journal of Marital and Family Therapy*, 31(2), 217-233. doi:10.1111/j.1752-0606.2005.tb01556.x.
- Burdette, Amy & Ellison, Christopher & Sherkat, Darren & A. Gore, Kurt. (2007). Are There Religious Variations in Marital Infidelity?. *Journal of Family Issues*, 28. 1553-1581. 10.1177/0192513X07304269.
- Buss, D. M., Larsen, R. J., Westen, D., & Semmelroth, J. (1992). Sex differences in jealousy: Evolution, physiology, and psychology. *Psychological Science*, 3, 251–255.
- Buunk, B. P. (1995). Sex, self-esteem, dependency and extradyadic sexual experience as related to jealousy responses. *Journal of Social and Personal Relationships*, 12(1), 147-153. doi:10.1177/0265407595121011.
- Cacioppo, J. T., & Berntson, G. G. (1994). Relationship between attitudes and evaluative space: A critical review, with emphasis on the separability of positive and negative substrates. *Psychological Bulletin*, 115, 401–422.

- Chaiken, S., & Trope, Y. (Eds.). (1999). *Dual-process theories in social psychology*. New York, NY: Guilford Press.
- Cosmides, L., & Tooby, J. (2000). Evolutionary Psychology and the Emotions. In M. Lewis & J. M. Haviland-Jones (2nd Ed.), *Handbook of Emotions* (pp. 91-115). New York: Guilford.
- DeLamater, J., & Hyde, J. (2004). Conceptual and theoretical issues in studying sexuality in close relationships. In J. Harvey, A. Wenzel, & S. Sprecher (Eds.), *The handbook of sexuality in close relationships* (pp. 7–30). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Denes-Raj, V., & Epstein, S. (1994). Conflict between Intuitive and Rational Processing: When People Behave against Their Better Judgment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66, 819-829. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.66.5.819>.
- DeSteno, D. A., Salovey, P. (1996). Genes, jealousy, and the replication of misspecified models. *Psychological Science*, 7, 376–377.
- DeWall, C. N., Lambert, N. M., Slotter, E. B., Pond, R. S., Deckman, T., Finkel, E. J., ... Fincham, F. D. (2011). So far away from one's partner, yet so close to romantic alternatives: Avoidant attachment, interest in alternatives, and infidelity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 101(6), 1302-1316. DOI: 10.1037/a0025497
- Drake, C. R., & McCabe, M. P. (2000). Extrarelationship involvement among heterosexual males: An explanation based on the theory of planned behavior, relationship quality, and past behavior. *Journal of Applied Social Psychology*, 30(7), 1421–1439.
- Drigotas, S. M., & Barta, W. (2001). The cheating heart: Scientific explorations of infidelity. *Current Directions in Psychological Science*, 10, 177–180.
- Drigotas, S. M., Safstrom, C. A., & Gentilia, T. (1999). An investment model prediction of dating infidelity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77, 509–524.
- Drigotas, S., & Barta, W. (2001). The cheating heart: Scientific explorations of infidelity. *Current Directions in Psychological Science*, 10, 177–180. doi:10.1111/1467-8721.00143
- Eagly, A. H., & Chaiken, S. (1993). *The psychology of attitudes*. Orlando, FL: Harcourt Brace Jovanovich College.
- Epstein, S. (1990). Cognitive-Experiential Self-Theory. In L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of Personality: Theory and Research* (pp. 165-192). New York. Guilford Press.
- Epstein, S. (1993). Implications of cognitive-experiential self-theory for personality and developmental psychology. In D. Funder, R. Parke, C. Tomlinson-Keasey, & K. Wideman (Eds.). *Studying lives through time: Personality and development* (pp. 399-438).
- Epstein, S. (1994). Integration of the cognitive and the psychodynamic unconscious. *American Psychologist*, 49, 709-724,
- Epstein, S. (2003). Unconscious roots of Hitler's anti-Semitism. In J. A. Winer (Ed.), *The Annual of Psychoanalysis*, Vol. 31, pp. 47-61. Hillsdale, NJ: The Analytic Press.
- Epstein, S. (2012). Cognitive-experiential self-theory: An integrative theory of personality. (In H. Tennen & J. Suls, Eds.). *Handbook of Psychology, 2nd ed., Vol.5. Personality Section*. Hoboken, NJ, John Wiley & Sons, Inc.
- Epstein, S., Pacini, R., Denes-Raj, V., & Heier, H. (1996). Individual differences in intuitive-experiential and analytical-rational thinking styles. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, 390-405.

- Feldman, S., & Cauffman, E. (1999). Your cheatin' heart: Attitudes, behaviors, and correlates of sexual betrayal in late adolescents. *Journal of Research on Adolescence*, 9, 227–252. doi:10.1207/s15327795jra0903_1.
- Finkel, E., Rusbult, C., Kumashiro, M., & Hannon, P. (2002). Dealing with betrayal in close relationships: Does commitment promote forgiveness? *Journal of Personality and Social Psychology*, 82, 956–974. doi:10.1037/0022-3514.82.6.956
- Fisher, T. (2009). The impact of socially conveyed norms on the reporting of sexual behavior and attitudes by men and women. *Journal of Experimental Social Psychology*, 45, 567–572. doi:10.1016/j.jesp.2009.02.007
- Fiske, S.T. (2010). *Social beings: Core motives in Social Psychology* (2nd ed.). Hoboken, NJ: Wiley.
- Gangestad, S., & Simpson, J. (2000). The evolution of human mating: Trade-offs and strategic pluralism. *Behavioral and Brain Sciences*, 23, 573–587. doi:10.1017/S0140525X0000337X
- Gawronski, B., & Creighton, L. A. (2013). Dual-process theories. In D. E. Carlston (Ed.), *The Oxford handbook of social cognition* (pp. 282-312). New York, NY: Oxford University Press.
- Gere, J., MacDonald, G., Joel, S., Spielmann, S. S., & Impett, E. A. (2013). The independent contributions of social reward and threat perceptions to romantic commitment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 105(6), 961-977.
- Gibson, D. M. (2008). Relationship betrayal and the influence of religious beliefs: A case illustration of couples counseling. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 16(4), 344-350. doi:10.1177/1066480708323085.
- Glass, S. P., & Wright, T. L. (1992). Justifications for Extramarital Relationships: The Association between Attitudes, Behaviors, and Gender. *Journal of Sex Research*, 29(3), 361-387. doi:10.1080/00224499209551654
- Glass, S., & Wright, T. (1985). Sex differences in type of extramarital involvement and marital dissatisfaction. *Sex Roles*, 12, 1101–1120.
- Hall, J. H., & Fincham, F. D. (2009). Psychological distress: Precursor or consequence of dating infidelity? *Personality and Social Psychology Bulletin*, 35(2), 143–159.
- Harry T. Reis and Geraldine Downey (1999). Social Cognition in Relationships: Building Essential Bridges Between Two Literatures. *Social Cognition: Vol. 17, Special Issue: Social Cognition and Relationships*, pp. 97-117. <https://doi.org/10.1521/soco.1999.17.2.97>.
- Hicks, T., & Leitenberg, H. (2001). Sexual Fantasies about One's Partner versus Someone Else: Gender Differences in Incidence and Frequency. *The Journal of Sex Research*, 38(1), 43-50. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/3813261>.
- Hinde, R. A. (1996). Describing relationships. In A. E. Auhagen & M. von Salisch (Eds.), *The diversity of human relationships* (pp. 7-35).
- Jackman, M. (2015). Understanding the cheating heart: What determines infidelity intentions? *Sexuality and Culture*, 19, 72–84. doi:10.1007/s12119-014-9248-z
- Johnson M.P. (1999) *Personal, Moral, and Structural Commitment to Relationships*. In: Adams J.M., Jones W.H. (eds) *Handbook of Interpersonal Commitment and Relationship Stability. Perspectives on Individual Differences*. Springer, Boston, M.

- Jones, D., Olderbak, S., & Figueredo, A. (2010). The intentions towards infidelity scale. In T. Fisher, C. Davis, W. Yarber, & S. Davis (Eds.), *Handbook of sexuality-related measures*. New York: Routledge.
- Kahneman, D. (2003). A Perspective on Judgment and Choice - Mapping Bounded Rationality. *American Psychologist, 58* (9), 697–720.
- Lampard, R. (2014). Stated reasons for relationship dissolution in Britain: Marriage and cohabitation compared. *European Sociological Review, 30*, 315–328. doi:10.1093/esr/jct034.
- Langan-Fox, J., & Shirley, D. A. (2003). The nature and measurement of intuition: Cognitive and behavioural interests, personality and experiences. *Creativity Research Journal, 15* (pp. 207–222). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Le, B., & Agnew, C. (2003). Commitment and its theorized determinants: A meta-analysis of the investment model. *Personal Relationships, 10*, 37–57. doi:10.1111/1475-6811.00035.
- Lieberman, B. (1988). Extrapremarital intercourse: attitudes toward a neglected sexual behavior. *Journal of Sex Research, 24*, 291-299. doi:10.1080/00224498809551427.
- Lopes (2017a). Tradução da escala de Atitudes Face à Infidelidade em Relações Românticas. Manuscrito não publicado. Lisboa: ISCTE-IUL.
- Lopes (2017b). Tradução da escala de Intenções face à Infidelidade. Manuscrito não publicado. Lisboa: ISCTE-IUL.
- Lopes (2017c). Tradução da escala de Estilos de Pensamento Racional e Experiencial. Manuscrito não publicado. Lisboa: ISCTE-IUL.
- Luo, S., Cartun, M.A. and Snider, A.G. (2010) Assessing Extradysadic Behavior: A Review, a New Measure, and Two New Models. *Personality and Individual Differences, 49*, 155-163.
- Maddox Shaw, A. M., Rhoades, G. K., Allen, E. S., Stanley, S. M., & Markman, H. J. (2013). Predictors of extradysadic sexual involvement in unmarried opposite-sex relationships. *Journal of Sex Research, 50*(6), 598–610.
- Martins, Alexandra; Pereira, Marco; Andrade, Rita; Dattilio, Frank M; Narciso, Isabel; et al. *Archives of Sexual Behavior; New York Vol. 45*, Iss. 1, (Jan 2016): 193-205.
- Martins, Alexandra; Pereira, Marco; Andrade, Rita; Dattilio, Frank M; Narciso, Isabel; Canavarro, Maria C. (2016). Infidelity in Dating Relationships: Gender-Specific Correlates of Face-to-Face and Online
- Mattingly, B., Wilson, K., Clark, E., Bequette, A., & Weidler, D. (2010). Foggy faithfulness: Relationship quality, religiosity, and the perceptions of dating infidelity scale in an adult sample. *Journal of Family Issues, 31*, 1465–1480. doi:10.1177/0192513X10362348.
- McAdams, D. P. (1989). *Intimacy: The need to be close*. New York: Doubleday & Co.
- McAlister, A. R., Pachana, N., & Jackson, C. J. (2005). Predictors of young dating adults' inclination to engage in extradysadic sexual activities: A multi-perspective study. *British Journal of Psychology, 96*(3), 331-350 DOI: 10.1348/000712605X47936.
- McAnulty, R., & Brineman, J. (2007). Infidelity in dating relationships. *Annual Review of Sex Research, 18*, 94–114. doi:10.1080/10532528.2007.10559848.

- Messick, S. (1996). Bridging cognition and personality in education: The role of style in performance and development. *European Journal of Personality*, 10, 353-376. *Personality And Social Psychology*, 101, 1302-1316.
- O'Sullivan, L. F., & Ronis, S. T. (2013). Virtual cheating hearts: Extradyadic and poaching interactions among adolescents with links to online sexual activities. *Canadian Journal of Behavioural Science / Revue canadienne des sciences du comportement*, 45(3), 175-184.
- Pacini, R., & Epstein, S. (1999). The relation of rational and experiential information processing styles to personality, basic beliefs, and the ratio-bias phenomenon. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76, 972-987.
- Paulhus, D. L., & John, O. P. (1998). Egoistic and moralistic biases in selfperception: The interplay of self-deceptive styles with basic traits and motives. *Journal Of Personality*, 66, 1025–1060
- Reis, H. T., & Shaver, P. (1988). Intimacy as an interpersonal process. In S. Duck (Ed.), *Handbook of personal relationships* (pp. 367- 389). Chichester, England: Wiley.
- Reiss, I. L., Anderson, R. E., & Sponaugle, G. C. (1980). A multivariate model of the determinants of extramarital sexual permissiveness. *Journal of Marriage and the Family*, 42, 395–411.
- Rodrigues, D., & Lopes, D. (2013). The Investment Model Scale (IMS): Further studies on construct validation and development of a shorter version (IMS-S). *Journal of General Psychology*, 140, 16–28. doi:10.1080/00221309.2012.710276
- Rodrigues, D., Lopes, D. & Oliveira, J. M. (2011). O modelo de investimento de Rusbult em relacionamentos amorosos hétero e homossexuais. *In Mind_Português*, 2, 1-11.
- Rodrigues, D., Lopes, D. & Pereira, M. (2016): Sociosexuality, Commitment, Sexual Infidelity, and Perceptions of Infidelity: Data From the Second Love Web Site. *The Journal of Sex Research*. 10.1080/00224499.2016.1145182.
- Rodrigues, D., Lopes, D., & Pereira, M. (2017). Sociosexuality, commitment, sexual infidelity, and perceptions of infidelity: data from the second love web site. *The Journal of Sex Research*, 54, 241–253. doi: 10.1080/00224499.2016.1145182
- Roscoe, B., Cavanaugh, L., & Kennedy, D. (1988). Dating infidelity: Behaviors, reasons, and consequences. *Adolescence*, 23, 35–43.
- Rusbult, C. (1980). Commitment and satisfaction in romantic associations: A test of the investment model. *Journal of Experimental Social Psychology*, 16, 172–186. doi:10.1016/0022-1031(80)90007-4.
- Rusbult, C. (1983). A longitudinal test of the Investment Model: The development (and deterioration) of satisfaction and commitment in heterosexual involvements. *Journal of Personality and Social Psychology*, 45, 101–117. doi:10.1037/0022-3514.45.1.101.
- Rusbult, C., & Buunk, B. (1993). Commitment processes in close relationships: An interdependence analysis. *Journal of Social and Personal Relationships*, 10, 175–204. doi:10.1177/026540759301000202.
- Rusbult, C., Agnew, C., & Arriaga, X. (2012). The investment model of commitment processes. In P. Van Lange, A. Kruglanski, & E. Higgins (Eds.), *Handbook of theories of social psychology* (pp. 218–232). London, UK: Sage.

- Rusbult, C., Coolsen, M., Kirchner, J., & Clarke, J. (2006). Commitment. In A. Vangelisti & D. Perlman (Eds.), *The Cambridge handbook of personal relationships* (pp. 615–635). NY: Cambridge.
- Rusbult, C., Martz, J., & Agnew, C. (1998). The Investment Model Scale: Measuring commitment level, satisfaction level, quality of alternatives, and investment size. *Personal Relationships, 5*, 357–387. doi:10.1111/j.1475-6811.1998.tb00177.x
- Seal, S. W., Agostinelli, G., & Hannel, C. A. (1994). Extradyadic romantic involvement: Moderating effects of sociosexuality and gender. *Sex Roles, 3*, 1–22.
- Sharpe, D. I., Walters, A. S., & Goren, M. J. (2013). Effect of cheating experience on attitudes toward infidelity. *Sexuality and Culture, 17*(4), 643–658.
- Silva, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Medindo necessidade de cognição e fé na intuição: Tradução e adaptação das duas escalas à população portuguesa. *Laboratório de Psicologia, 4* (1), 29-43.
- Simpson, J., & Gangestad, S. (1991). Individual differences in sociosexuality: Evidence for convergent and discriminant validity. *Journal of Personality and Social Psychology, 60*, 870–883. doi:10.1037/0022-3514.60.6.870
- Simpson, J., Gangestad, S., & Nations, C. (1996). Sociosexuality and relationship initiation: An ethological perspective of nonverbal behavior. In G. Fletcher & J. Fitness (Eds.), *Knowledge structures in close relationships: A social psychological approach* (pp. 121–146). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Simpson, J., Wilson, C., & Winterheld, H. (2004). Sociosexuality and romantic relationships. In J. H. Harvey, A. Wenzel, & S. Sprecher (Eds.), *The handbook of sexuality in close relationships* (pp. 87–112). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Smith, E. R., & DeCoster, J. (2000). Dual process models in social and cognitive psychology: Conceptual integration and links to underlying memory systems. *Personality and Social Psychology Review, 4*, 108-131.
- Solstad, Kim & Mucic, Davor. (1999). Extramarital sexual relationships of middle-aged Danish men: Attitudes and behavior. *Maturitas. 32*. 51-9. 10.1016/S0378-5122(99)00012-2.
- Stanovich, K.E. and West, R.F. (2000) *Individual Differences in Reasoning Implications for the Rationality Debate. Behavioral and Brain Sciences, 23*, 645-665.
- Strack, F., & Deutsch, R. (2004). Reflective and impulsive determinants of social behavior. *Personality and Social Psychology Review, 8*, 220-247.
- Surra, C. A., & Hughes, D. K. (1997). Commitment processes in accounts of the development of premarital relationships. *Journal of Marriage and the Family, 59*, 5–21.
- Tagler, M. (2010). Sex differences in jealousy: Comparing the influence of previous infidelity among college students and adults. *Social Psychological and Personality Science, 1*(4), 353-360.
- Thibaut, J. W., and Kelley, H. H. (1959). *The Social Psychology of Groups*. New York: John Wiley & Sons.
- Thompson, A. P. (1983). Extramarital sex: a review of the research literature. *Journal of Sex Research, 19*(1), 1-22.
- Thompson, A. P. (1984). Emotional and sexual components of extramarital relations. *Journal of Marriage and the Family, 46*(1), 35-42. doi:10.2307/351861.

- Træen, B., Holmen, K., & Stigum, H. (2007). Extradyadic sexual relationships in Norway. *Archives of Sexual Behavior*, 36(1), 55–65.
- Treas, J., & Giesen, D. (2000). Sexual infidelity among married and cohabiting americans. *Journal of Marriage and Family*, 62(1), 48-60. doi:10.1111/j.1741- 3737.2000.00048.x.
- Turner, C. F., Forsyth, B. H., O'Reilly, J. M., Cooley, P. C., Smith, T. K., Rogers, S. M., & Miller, H. G. (1998). Automated self-interviewing and the survey measurement of sensitive Touch-Tone Data Entry – Page 21 behaviors. In M. P. Cooper, R. P. Baker, J. Bethlehem, C. Z. F. Clark, J. Martin, W. L. Nicholls, J. M. O'Reilly (Eds.), *Computer assisted survey information collection* (pp. 455-473). New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Tversky, A., & Kahneman, D. (1974). Judgment under Uncertainty: Heuristics and Biases. *Science*, 185(4157), 1124-1131. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/1738360>.
- Vala, J. & Castro, P. (2013). Pensamento social e representações sociais. In Vala, J., Monteiro, M. B. Pensamento social e representações sociais. *Psicologia social (9ª edição revista e actualizada)* (pp. 569-602). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vangelisti, A., & Gerstenberger, M. (2004). Communication and marital infidelity. In J. Duncombe, K. Harrison, G. Allan, & D. Marsden (Eds.), *The state of affairs: Explorations in infidelity and commitment* (pp. 59–78). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Weis, D., & Slosnerick, M. (1981). Attitudes toward sexual and nonsexual extramarital involvements among a sample of college students. *Journal of Marriage and the Family*, 43, 349–358.
- Whitty, M. T. (2003). Pushing the wrong buttons: Men's and women's attitudes toward online and offline infidelity. *CyberPsychology & Behavior*, 6(6), 569–579.
- Widmer, E., Treas, J. and Newcomb, R. (1998) Attitudes toward Nonmarital Sex in 24 Countries. *The Journal of Sex Research*, 35, 349-358. <http://dx.doi.org/10.1080/00224499809551953>.
- Wiederman MW, LaMar L (1998). "Not with him you don't!": Gender and emotional reactions to sexual infidelity during courtship. *J of Sex Res.* 35(3): 288-298.
- Wiederman, M. W., & Hurd, C. (1999). Extradyadic involvement during dating. *Journal of Social and Personal Relationships*, 16, 265–274.
- Wilson, K., Mattingly, B., Clark, E., Weidler, D., & Bequette, A. (2011). The gray area: Exploring attitudes toward infidelity and the development of the Perceptions of Dating Infidelity Scale. *Journal of Social Psychology*, 151, 63–86. doi:10.1080/ 00224540903366750
- Yarab, P., Sensibaugh, C., & Allgeier, E. (1998). More than just sex: Gender differences in the incidence of self-defined unfaithful behavior in heterosexual dating relationships. *Journal of Psychology and Human Sexuality*, 10, 45–57.

Anexos

Anexos A – Apresentação do Questionário aplicado e Consentimento Informado

No presente estudo, estamos interessados em estudar a forma como se posiciona face a diferentes questões do dia-a-dia.

Pedimos-lhe que leia com atenção todas as questões que lhe colocamos e que nos responda de uma forma sincera. Lembre-se que não existem respostas certas ou erradas às questões que lhe colocamos. Estamos essencialmente interessados na sua opinião.

De acordo com as normas da Comissão de Proteção de Dados, as suas respostas serão anónimas e a publicação dos dados que decorram deste estudo poderá ocorrer apenas em revistas da especialidade.

A sua participação é muito importante porque vai permitir que os investigadores compreendam melhor a forma como se posiciona perante diferentes questões importantes da nossa vida.

A duração estimada deste questionário é 15 minutos.

A sua participação é voluntária e as suas respostas serão anónimas. Caso decida terminar a sua participação antes de concluir o questionário, basta fechar a janela do seu browser e as suas respostas não serão gravadas.

Antes de iniciar, confirme a seguinte informação:

1. Estou consciente de que a minha participação é voluntária e posso interromper em qualquer momento, simplesmente fechando a página
2. As minhas respostas serão anónimas e ninguém poderá aceder à minha identidade.
3. As minhas respostas serão utilizadas exclusivamente para investigação e acedidos apenas pelos investigadores envolvidos no projeto
4. Sou maior de idade. Concordo participar Não concordo participar

Introduza aqui o código que lhe foi enviado (se não recebeu nenhum código, escreva 0)

Anexo B - Questões relativas à recolha de Variáveis Demográficas

1. A sua idade
2. Sexo

3. A sua ocupação
Estudante, Trabalhador Desempregado Reformado Outra. Qual?

4. Nível de escolaridade que frequenta (ou último concluído no caso de não estar a estudar)
Licenciatura Mestrado Doutoramento Outro. Qual?

5. País em que nasceu?

6. País onde viveu nos últimos 5 anos?

7. Qual o seu estado civil?
Solteiro/a sem um relacionamento; Solteiro/a num relacionamento; Solteiro/a em união de facto; Casado/a, Divorciado/a sem um relacionamento; Divorciado/a num relacionamento; Divorciado/a junto em união de facto; Viúvo/a sem um relacionamento; Viúvo/a num relacionamento; Viúvo/a junto em união de facto

8. Vive com o/a seu/sua companheiro/a

9. Se vive com o seu/sua companheiro/a, diga-nos se essa co-habitação é esporádica ou permanente
Esporádica, Permanente

10. Por favor indique a duração do seu relacionamento?

Anexo C - A Escala de Estilos de Pensamento Racional e Experiencial

- Quando se trata de confiar nas pessoas, eu normalmente posso acreditar nos meus instintos
- Eu não tenho qualquer problema em pensar nas coisas de forma cuidada
- Eu costumo confiar nas minhas intuições
- Eu tendo a seguir os meus instintos quando tenho que decidir a forma como vou agir
- Eu não gosto de situações nas quais tenha que confiar na minha intuição
- Eu acho um disparate tomar decisões importantes baseando-me nos meus sentimentos
- Eu evito situações que requerem que eu pense em profundidade acerca de algo
- Eu não sou muito bom a resolver problemas que requerem uma análise lógica cuidada
- Eu gosto de resolver problemas que requerem muito raciocínio
- Eu confio nas minhas primeiras impressões acerca de uma pessoa
- Quando procuro resolver os problemas da minha vida, utilizar os meus instintos costuma ser uma boa solução
- Eu tenho, normalmente, razões claras e compreensíveis para as minhas decisões
- Aprender novas maneiras de pensar seria uma atividade muito interessante para mim
- Eu sou muito melhor do que a maioria das pessoas a compreender as coisas de uma forma lógica
- Eu normalmente consigo dizer quando uma pessoa está certa ou errada, mesmo que não consiga explicar porquê
- Eu não costumo confiar nos meus sentimentos para me ajudar a tomar decisões
- Pensar muito e por um grande período de tempo não me traz muita satisfação
- Eu não sou uma pessoa com pensamento analítico
- Eu possuo uma mente lógica
- Eu não gostava de depender de uma pessoa que se apresenta como intuitiva
- Eu gosto de desafios intelectuais
- Pensar não é para mim o protótipo de uma atividade agradável
- Saber a resposta sem ter que perceber o raciocínio que está por detrás dela é-me suficiente
- Eu gosto de pensar de forma abstrata
- Eu raramente me engano na procura de uma resposta a um problema quando dou atenção aos meus instintos
- Se eu tivesse que confiar nos meus instintos, cometeria muitos erros
- Quando procuro resolver os problemas da minha vida, utilizar a lógica costuma ser uma boa solução
- Eu penso que há momentos em que devemos confiar na nossa intuição
- Eu não entendo muito bem o que é a intuição
- Eu não acho uma boa ideia confiar na intuição quando se trata de tomar decisões importantes
- A intuição pode ser uma forma muito útil de resolver problemas
- Eu tendo a seguir o meu coração quando tenho que agir
- Eu acredito que se pode confiar em palpites
- Eu prefiro problemas complexos a problemas simples
- Eu não gosto de ter que pensar muito
- Os meus julgamentos rápidos não são, provavelmente, tão bons quanto os da restantes pessoas
- Eu não sou muito bom a resolver problemas complexos
- Pensar nas coisas de forma cuidada não é um dos meus pontos fortes

Anexo D - Itens que constituem a subescala Compromisso presente na Investment Model Scale (IMS), traduzida e adaptada para português por Rodrigues e Lopes (2013).

1. Desejo que o meu relacionamento dure por muito tempo
2. Estou comprometido a manter o meu relacionamento com o meu parceiro
3. Não ficaria muito aborrecido/a se o nosso relacionamento terminasse num futuro próximo
4. É provável que eu tenha encontros românticos com outra pessoa que não o meu parceiro durante o próximo ano
5. Sinto-me muito apegado ao meu relacionamento; muito ligado ao meu parceiro
6. Desejo que o meu relacionamento dure para sempre
7. Estou motivado para que o meu relacionamento tenha um futuro a longo termo (por exemplo, imagino estar com o meu parceiro daqui a vários anos)

ANEXO F - A Escala de Intenções face à Infidelidade

Diga-nos, agora, com que probabilidade faria cada uma das coisas que lhe descrevemos de seguida:

1. Com que probabilidade pensa que conseguiria manter a sua Infidelidade em segredo do seu parceiro?
2. Com que probabilidade seria infiel ao seu parceiro actual?
3. Com que probabilidade seria infiel a parceiros futuros?
4. Com que probabilidade conseguiria esconder a sua relação de uma pessoa atraente que acabou de conhecer?
5. Com que probabilidade mentiria ao seu parceiro acerca da sua Infidelidade?
6. Com que probabilidade seria infiel relativamente ao/à seu/sua parceiro/a, sabendo que nunca seria "apanhado"?
7. Com que probabilidade diria ao seu parceiro se tivesse sido infiel?

ANEXO G - Escala de Atitudes face à Infidelidade

Gostaríamos, ainda, de obter a sua opinião relativamente aos temas que lhe propomos de seguida. Utilize, por favor, a escala indicada para nos responder:

1. Se conseguisse não ser apanhado, seria infiel ao meu parceiro
2. Ser fiel ao meu parceiro é importante para mim
3. Ser infiel ao meu parceiro não seria algo do outro mundo
4. Seria infiel ao meu parceiro se tivesse a oportunidade
5. Trair o/a meu/minha parceiro/a é moralmente errado